

CARLOS ALBERTO GOHN

O "PRESENT PERFECT":
DIFICULDADES DE CONCEITUALIZAÇÃO
E DE ENSINO

FACULDADE DE LETRAS
UFMG
1981

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

O "PRESENT PERFECT" : DIFICULDADES DE
CONCEITUALIZAÇÃO E DE ENSINO

Carlos Alberto Gohn

Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Lingüística.

BELO HORIZONTE

1981

DISSERTAÇÃO APRESENTADA NO DEPARTAMENTO
DE LINGÜÍSTICA E TEORIA DA LITERATURA DA
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG, FAZENDO PARTE
DA BANCA EXAMINADORA OS SEGUINTESS PROFESSORES:

Eunice Pontes

Profa. Eunice Pontes- orientadora

Vicente Andrade

Prof. Vicente Andrade

Marco Antônio de Oliveira

Prof. Marco Antônio de Oliveira

Eunice Pontes

Profa. Eunice Pontes

Coordenadora dos Cursos

de Pós-Graduação em Letras

da FALE/UFMG

17/06/81

AGRADECIMENTOS

- MARIA CONCEIÇÃO MAGALHÃES VAZ DE MELLO e BETTY LOU DUBOIS,
pela bibliografia e pelo estímulo.
- Professores, funcionários e monitores do Departamento de
Germânicas da FALE-UFMG, pela criação de um ambiente de
trabalho.
- Departamento de Lingüística e Teoria da Literatura da FALE-
UFMG, por ter me acolhido.
- EUNICE PONTES, incentivadora discreta e de presença forte.
- ROSA MARIA NEVES DA SILVA, pelas sugestões.

DEDICO

a Maria Lúcia Marques

a Frei Joel Postma e Frei Acário

a minha mãe.

C.A.G

1981

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

1.1 Motivação, descrição e objetivos. 1
1.2 A insuficiência da análise ao ní-
vel da sentença. 3

CAPÍTULO II - DIFICULDADES DE CONCEITUALIZAÇÃO

2.1 Introdução. 5
2.2 A revisão da literatura por McCoard. 7
2.2.1 Crítica de McCoard à teoria de
"relevância atual". 8
2.2.1.1 O evento é "recente". 10
2.2.1.2 A existência presente do refe-
rente sujeito. 10
2.2.1.3 A existência presente de um
certo estado do referente sujeito. 11
2.2.1.4 A existência de uma persona-
gem "póstuma". 11
2.2.1.5 Conclusão sobre as várias
formas de existência do sujeito. 11
2.2.1.6 A validade atual do que é dito. 12
2.2.1.7 O uso inesperado do pretéri-
to com "relevância atual". 13
2.2.1.8 A continuação de um esta-
do dentro do presente. 13

2.2.1.9	A iteratividade.	14
2.2.1.10	A possibilidade presente de existir algo relacionado com o referente sujeito.	15
2.2.2	Crítica de McCoard à teoria do "passado indefinido".	17
2.2.2.1	Advérbios e tempo definido.	19
2.2.3	A teoria do "agora ampliado".	20
2.2.3.1	Os advérbios temporais.	21
2.2.3.2	O caráter da ação expressa pelo verbo.	23
2.2.4	Crítica de McCoard à teoria do "passado subordinado" (a um presente)	25
2.2.4.1	Os infinitivos perfeitos.	25
2.2.4.2	O auxiliar como verbo subjacente.	26
2.2.4.3	A semântica do perfeito.	28
2.2.5	Crítica ao trabalho de McCoard.	29
2.3	O "pretérito coloquial" versus o "present perfect": uma análise sociolinguística.	31
2.3.1	Resultados.	32
2.4	Um estudo sobre o uso do "Present Perfect" no inglês americano e britânico.	35
2.4.1	A variante sintática: "pretérito coloquial"/"present perfect".	38

2.5	O aspecto perfeito: interferên- cia sintática por parte de estudantes brasileiros aprendendo inglês.	41
2.5.1	Os usos do perfeito.	42
2.5.2	O estudo contrastivo português- inglês.	44
2.5.3	Análise de erros.	45
2.6	Sumário.	46

CAPÍTULO III - DIFICULDADES DE ENSINO

3.1	Introdução.	48
3.2	Sugestões pedagógicas de Marshall.	50
3.2.1	A não-correspondência entre for- ma verbal e relação temporal nos livros-texto.	50
3.2.3	As situações e contextos.	51
3.2.4	Seqüência sugerida.	52
3.3	Sugestões pedagógicas de Wade.	55
3.3.1	Seqüência sugerida.	56
3.3.2	Crítica a Wade	57
3.4	Sugestões pedagógicas de Feigenbaum.	57
3.4.1	Importância da freqüência.	58
3.4.2	As formas do perfeito.	59

3.4.3	Seqüência sugerida.	61
3.4.4	As limitações do enfoque de Feigenbaum	62
3.5	Sugestões pedagógicas de Nicolacópulos.	63
3.5.1	Seqüência sugerida.	63
3.5.2	Crítica a Nicolacópulos.	65
3.6	Sugestões pedagógicas de Dubois.	66
3.6.1	As formas do perfeito.	68
3.6.2	A distribuição de participípios.	70
3.6.3	Seqüência sugerida.	71
3.6.4	A organização da informação.	73
3.6.5	Problema com a generalização das conclusões de Dubois.	73
3.6.6	Sumário	74

CAPÍTULO IV - CONCLUSÕES

4.1	Conclusões sobre as dificuldades de conceitualização.	75
4.2	Conclusões sobre as dificuldades de ensino.	76
4.2.1	Um modelo de ensino do "Present Perfect".	77
4.2.1.1	O modelo.	77
4.2.1.2	Perspectivas futuras.	82
	Notas.	83
	Referências bibliográficas.	86

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 MOTIVAÇÃO, DESCRIÇÃO E OBJETIVOS

Para o estudante brasileiro, a aprendizagem e o uso do "Present Perfect"¹ apresentam dificuldades específicas, além daquelas sentidas até mesmo por falantes nativos do inglês. Justifica-se, assim, um estudo de lingüística aplicada sobre esta forma verbal. Neste país, os estudos de lingüística aplicada, por serem recentes, não têm ainda uma tradição. Não há uma continuidade de trabalhos, no sentido de uns serem revistos e ampliados por outros através de enfoques novos e de contribuições críticas. Foi essa a razão que me levou a procurar os trabalhos feitos no Brasil sobre o perfeito. Até o presente momento, há duas dissertações de mestrado de meu conhecimento que tratam do "Present Perfect" e foram feitas no Brasil: Wade (1978) e Nicolacópulos (1976). Elas serão examinadas e contrastadas com trabalhos recentes de descrição desse tempo verbal feitos nos Estados Unidos: McCoard (1978), que se diferencia dos que examinaram previamente o tema por ser o primeiro a tratar explicitamente de inferências pragmáticas para a escolha do "Present Perfect", e Marshall (1979), que investiga o fenômeno de uma variação lingüística: o uso do "Simple Past" no inglês americano em ambientes que exigiriam o "Present Perfect". Ela faz sugestões para o ensino e critica livros-texto que não levam em conta essa variação.

Também analisarei o trabalho de Feigenbaum (1978), que estuda como o "Present Perfect" é usado no inglês acadêmico e tira conclusões para o seu ensino e o de Dubois (1972), que utiliza o corpus preparado na Universidade de Brown para fazer um levantamento estatístico dos ambientes em que ocorre o perfeito e dos itens lexicais mais freqüentes na sua construção.

Os objetivos do presente estudo são, assim, duplos. Primeiro, o de apresentar, do ponto de vista de um falante nativo do português, um exame crítico dos dois trabalhos feitos no Brasil sobre o tema. Isto inclui também uma tomada de posição sobre algumas descrições do "Present Perfect" feitas por falantes nativos do inglês. Em segundo lugar, a partir destas observações, propor sugestões pedagógicas para o ensino deste tempo verbal para estudantes brasileiros.

Dentre as questões a serem investigadas, pode-se ressaltar a do uso do "Present Perfect" nos diferentes registros, do mais formal ao informal. Também será examinada a questão da freqüência das formas deste tempo verbal e os ambientes onde normalmente elas são usadas. Por fim, será tratada aqui a questão do uso do "Simple Past" no inglês americano em ambientes onde o "Present Perfect" seria esperado.

Espera-se chegar, com a diversidade de tratamento do tema feito pelos vários autores a serem estudados, a uma visão mais ampla das implicações do uso do "Present Perfect", levando em conta não só suas especificidades sintático-semânticas, mas também sua utilização em diferentes registros,

condicionada pelo que tentativamente se poderia chamar de regras pragmáticas. Em suma, trata-se de fazer aqui uma reflexão sobre o ensino do "Present Perfect", tendo como ponto de referência a situação do ensino de inglês no Brasil.

1.2 A INSUFICIÊNCIA DA ANÁLISE AO NÍVEL DA SENTENÇA

Este trabalho parte do exame da insuficiência da análise ao nível da sentença para a descrição do "Present Perfect". McCoard (1978:1) considera que há por parte dos gramáticos gerativistas um grande zelo na procura da identificação de quaisquer sutis contrastes de sentido com formas "subjacentes" diferentes, muitas vezes formadas a um nível bem abstrato. Para ele tem havido uma tendência a se dizer que as representações lógicas ou semânticas refletem as relações, categorias e propriedades do mundo real. A gramática é, assim, assimilada ao mundo. O problema com essa assimilação é que não se sabe quanta informação sobre o mundo deveria estar contida na gramática. McCoard critica a postulação de estruturas subjacentes em sentenças do tipo flying planes can be dangerous. Neste caso, diz ele, o contexto age no sentido de desambiguar a interpretação da sentença. A explicação das diferenças de sentido pela postulação de contrastes de estruturas subjacentes não se justificaria. Em exemplos como esse, a igualdade da forma pode ser intencional, com um sentido tão geral que possibilite várias interpretações. A escolha de qual delas é a indicada seria feita levando-se em conta o contexto.

No estudo dos verbos, a atenção insuficiente à multidão de fatores contextuais, tanto lingüísticos como não-lingüísticos, tem sido a deficiência mais evidente. Conseqüência desse fato é tomar-se a sentença como a maior unidade para a análise lingüística. Segundo McCoard, uma tal abordagem é inadequada para todas as discussões sobre o verbo, exceto as mais superficiais.

O reconhecimento de influências contextuais sobre o sentido implica num programa de análise pragmática. McCoard reconhece as dificuldades que aparecem ao se tentar delimitar as fronteiras entre a análise semântica e a pragmática. Ele comenta que²

"Uma grande parte do trabalho a ser feito é identificar alguns dos fatores contextuais importantes que 'estimulam uma escolha lingüística particular feita' pelo falante, e que induzem o ouvinte a construir interpretações particulares que ele inconscientemente identifica como parte da carga da mensagem" (p. 4).

Nas páginas a seguir se fará uma ligeira incursão por este terreno.

CAPÍTULO II

DIFICULDADES DE CONCEITUALIZAÇÃO

2.1 INTRODUÇÃO

O problema da conceitualização do "Present Perfect" está intimamente ligado ao problema de quanta informação deverá conter a gramática. Neste trabalho tenho como ponto de partida a suposição de que, ao descrever o perfeito, deve-se distinguir entre aquilo que constitui a carga estrutural desta forma verbal, ou seja, seu conteúdo semântico, e aquilo que é informação dada pelo contexto. Vários autores, não levam em conta esta distinção e atribuem à forma verbal sentidos que só podem ser transmitidos ao se levar em conta também o contexto. Neste aspecto, pode-se dizer que a descrição da carga semântica da forma verbal não deve tomar em consideração o contexto. Por outro lado, o estudo mais geral dos sentidos do perfeito não pode prescindir de uma consideração dos contextos em que as formas ocorrem. Tentarei examinar os dois lados da questão e as implicações para o ensino a partir de abordagens que favorecem o exame do contexto mais geral, criticando, contudo, os exemplos que atribuem ao perfeito sentidos que ele, sozinho, não pode exprimir. Espero desta forma obter bons resultados na descrição do "Present Perfect" e superar as dificuldades encontradas nos exemplos examinados a seguir. A descrição mais comum do perfeito, como se verá, serve geralmente só a uma pequena parte dos exemplos e deixa muitas objeções sem res

posta.

O capítulo II será constituído pelo exame de quatro trabalhos significativos sobre a descrição do perfeito: (1) a revisão da literatura, feita por McCoard (1978), (2) o estudo sociolinguístico de uma variante sintática, (3) a interferência sintática do português na fala de estudantes brasileiros aprendendo inglês e (4) um estudo sobre o uso do "Present Perfect" em inglês americano e britânico.

O trabalho de McCoard (1978), por ser mais abrangente e ter a intenção de sistematizar a descrição do perfeito encontrada em vários autores, e o trabalho de Marshall (1979), por incidir sobre um corpus grande e ter sido realizado com metodologia mais atualizada, são pesquisas a nível de tese de doutorado utilizadas por mim como foco de luz para iluminar as duas descrições do perfeito até agora feitas por pesquisadores no Brasil, Nicolacópulos (1976) e Wade (1978), a nível de dissertação de mestrado. Isto não quer dizer, contudo, que eu concorde inteiramente com McCoard e com Marshall. Pretendo ressaltar as discordâncias e/ou pontos de contato porventura existentes entre esses diversos tratamentos dados ao perfeito. No capítulo III deste trabalho analisarei alguns problemas relativos ao ensino do perfeito levantados por estes autores e por outros. Finalmente proporei, no capítulo IV, um modelo de ensino do "Present Perfect".

2.2 A REVISÃO DA LITERATURA POR MCCOARD

Utilizarei para a revisão da literatura o trabalho de McCoard (1978), uma versão revista e aumentada de sua tese de doutoramento pela Universidade da Califórnia em Los Angeles (1976), que examina várias teorias lingüísticas sobre o perfeito. Ele postula a existência de estratégias comunicativas dos falantes e diz que tais estratégias têm um papel decisivo nas ocasiões em que se usa o perfeito e não o pretérito¹. Em suas próprias palavras:

"A tese geral diz respeito à necessidade de distinguir o sentido básico da oposição estrutural num sistema lingüístico, separando-a da confusão de interpretações que aquele contraste específico possa receber em contextos comunicativos específicos. Estas interpretações são inconscientemente inferidas pelo ouvinte ao reagir a várias "pistas" lingüísticas e não-lingüísticas. Quando tentamos descrever os sentidos dados por inferências como se fizessem parte do próprio sistema gramatical, aparecem problemas. Alguns desses problemas são discutidos nos capítulos subsequentes - onde veremos que prestando bastante atenção aos elementos do contexto podemos correlacionar certas escolhas sintáticas com as inferências variáveis que "preenchem" o sentido destas escolhas. Ao fazer isto nos empenhamos em uma análise essencialmente pragmática - a de focalizar o uso das ferramentas lingüísticas em ambientes de interação" (p. 20).

Uma primeira questão se coloca na escolha da categoria a ser usada na descrição do perfeito. McCoard rejeita a visão de que o perfeito em inglês seja um aspecto: (1) porque "conclusão" e "resultado", sentidos comumente atribuídos ao perfeito e que justificam sua caracterização como aspecto, não são intrínsecos a ele, mas aparecem a partir de uma interação com outros elementos do contexto (ver adiante § 2.2.3.2), (2) porque o perfeito em inglês se comporta de modo diferente ao que é tido por aspecto em outras línguas.

Não me estenderei mais sobre essa discussão. A escolha que McCoard faz da categoria "tempo" para caracterizar o perfeito pode ser vista como arbitrária, mas não compromete a argumentação que ele desenvolve. De forma semelhante, o perfeito será visto como "tempo" em todo o decorrer deste meu trabalho.

Após ter definido estas coisas, McCoard passa a expor sua teoria da oposição dos tempos baseada em uma distinção simples:

"Tudo o que permanece invariante no sentido do "Present Perfect" é uma identificação de eventos anteriores com o "agora ampliado", que é contínuo ao momento da codificação. O pretérito é diferente por identificar eventos anteriores com "então" - um tempo que é concebido como sendo separado do presente, que é o "agora" do momento em que se fala" (p. 19).

A teoria do perfeito de "relevância atual", a do perfeito como "passado indefinido" e a do perfeito como "passado subordinado", de acordo com os nomes dados por McCoard para caracterizar as várias descrições oferecidas pelos gramáticos, baseiam-se em inferências que na realidade vão além do que as formas verbais significam e são mais uma parte do processo total de comunicação do que um reflexo da estrutura específica em uso.

2.2.1 CRÍTICA DE MCCOARD À TEORIA DE "RELEVÂNCIA ATUAL"

Esta teoria é a mais encontrada na literatura e aparece aí em maior número de versões. Os que aderem a uma de suas múltiplas formulações explicam a oposição pretérito/perfeito em termos de "relevância atual" (current relevance). Para essa teoria a função do perfeito será, em inglês, a de

expressar o fato do evento indicado pelo verbo lexical ser passado e também expressar o fato deste evento ter uma certa aplicabilidade, pertinência ou relevância para o momento da codificação, o "agora" de quem escreve ou fala. O pretérito, por outro lado, será usado quando o evento for passado mas não houver a relevância para o presente. McCoard pergunta o que se entende por relevância e responde:

"Obviamente não é a mesma espécie de relevância que geralmente nos impede de desviarmos de um determinado tópico de conversação; de outra forma, o pretérito seria indicador somente de perturbação mental. Relevância deve ser tomada aqui num sentido técnico, cuja natureza os teóricos da "relevância atual" se esforçam por especificar " (p. 31).

O contraste entre, por exemplo, he's gone to bed e he went to bed pode ser elucidador. De acordo com a teoria de que estamos tratando, na primeira sentença a pessoa de quem se fala ainda está na cama - o que não é necessário no caso da segunda sentença. "Relevância", neste caso, é a sugestão ou a implicação de que o fato conseqüente à ida para a cama, o "estar na cama", ainda vale para a pessoa de quem se fala. As realizações concretas da noção de "relevância" poderão, assim, tomar várias formas, dependendo do contexto e da escolha de palavras. Um princípio abstrato de "relevância atual" poderia ser explicitado como "algum estado que resulta de um evento anterior continua a ser válido" (ib.). Como se verá nos exemplos a seguir, muitas vezes esse "estado" é uma abstração mental do falante e não teria nenhuma outra propriedade demonstrável senão a de elicitar o uso do perfeito. Esta seria a falha básica da teoria, aquela que a impede de ter qualquer valor explanatório.

A argumentação de McCoard tende a demonstrar que

"Embora o uso do perfeito (ou do pretérito) possa ser vir para justificar uma certa inferência de resultado, a referência em si não é parte do sentido próprio do perfeito (ou do pretérito), não é parte da oposição básica assinalada pelas formas" (p. 32).

O autor enumera vários sentidos que seriam geralmente tidos como indicados pelo perfeito de "relevância atual". Ele procura demonstrar que cada uma dessas versões se aplica só a um pequeno número de exemplos e que não há nenhuma oposição pretérito/perfeito que seja consistente nos termos das versões apresentadas.

2.2.1.1 O Evento é "Recente"

O fato do evento ou estado ser recente constituiria o fator que leva ao uso do perfeito. Por exemplo, os casos em que aparece o advérbio just. Mas, observa McCoard, ao lado de sentenças como Mrs. Long has just been here, pode-se encontrar Mrs. Long was just here. Ele ressalva, contudo, que

"devemos admitir que possa haver uma preponderância de advérbios de "distância relativa" com o pretérito e que o perfeito é mais frequentemente empregado com eventos recentes" (p. 35).

X 2.2.1.2 A Existência Presente do Referente Sujeito

O fato do sujeito gramatical estar vivo ou não pode, segundo esta teoria, influenciar o uso do perfeito, por exemplo, na sentença Macaulay did not impress the very soul of English feelings as Mr. Carlyle, for example, has done. Quando a sentença foi escrita, Macaulay estava morto e Carlyle ainda vivia, o que tornava possível a referência no perfeito. McCoard nota que não se leva geralmente em conta a possibilidade de as the late Mr. Carlyle, for example,

has done, onde, no mesmo contexto, há um exemplo do perfeito usado com Carlyle estando morto (p. 39).

2.2.1.3 A Existência Presente de um Certo Estado do Referente Sujeito

Esta seria uma versão mais fraca ou mais abstrata da "relevância atual". Não é necessário que o sujeito esteja vivo corporalmente, bastando existir uma influência pessoal dele, sua produção literária, por exemplo. Temos, assim, a sentença Cicerò has written orations (seus discursos ainda podem ser lidos) contraposta a Cicero wrote poems (os poemas se perderam, não há conexão com o presente). O contra-exemplo levantado aqui é All of Cicero's poems have been 'lost, onde é a não-existência das obras que conta (que "existe") e que permite a conexão com o presente. A fraqueza do argumento fica, assim, evidente (p. 40).

2.2.1.4 A Existência de uma Personagem "Póstuma"

Normalmente atribuímos uma espécie de "existência presente condicional" a personagens bem conhecidas, como Shakeaspere: Shakeaspere has written impressive dramas. Neste exemplo ele é lembrado por aquilo que o tornou famoso: sua obra literária. A limitação deste uso, contudo, aparece ao tentarmos generalizar o exemplo, o que é impossível em contextos como: *Shakeaspere has quarrelled with every other playwright in London (ib.).

2.2.1.5 Conclusão sobre as Várias Formas de Existência do Sujeito

Diante do exame dos sentidos de existência presente do referente sujeito, de um certo estado do referente sujeito e de uma personagem "póstuma", McCoard conclui que

"todas as demais coisas sendo iguais, o período de tempo indicado pelo perfeito estará em geral especificamente associado com a existência presente da entidade ou conjunto dentro de seu campo de referência. Mas esta é somente uma espécie de conexão com o presente, e ela pode ser anulada por outros fatores" (p. 41).

Nestes casos, as inferências de resultado, de existência presente do referente sujeito etc. são dadas pelo contexto, já que a forma verbal sozinha não nos dá tais inferências. O uso do perfeito nos exemplos citados não nos diz se a pessoa de quem se trata está viva ou não, se o assunto de que se fala tem importância para o "agora". É preciso recorrer ao contexto mais geral se quisermos chegar a tais inferências. McCoard assinalou este fato (ver § 2.2) mas, infelizmente, ele não faz uma análise pragmática sobre os exemplos estudados, o que seria de se esperar diante da importância atribuída por ele à análise que ultrapassa o nível da sentença. Nesta dissertação me limitarei a mostrar esta falha de McCoard, sem tentar corrigi-la.

2.2.1.6 A Validade Atual do que é Dito

Segundo esta teoria, a sentença Newton has explained the movements of the moon estaria no perfeito devido ao fato de encararmos a explicação de Newton como correta, isto é, como "válida". O mesmo não acontece se tivermos o pretérito, como em Newton explained the movements of the moon from the attraction of the earth. Aqui a implicação seria a de não aceitarmos a explicação de Newton. É possível, porém, contra-argumentar com In the history of Science, Newton's theories were of premier importance, and many of his ideas are still considered valid. Neste caso, a validade das teorias ou pelo menos de parte delas não é posta em dúvida e, contudo, é o pretérito que aparece (p. 42).

2.2.1.7 O Uso Inesperado do Pretérito com "Relevância Atual"

De acordo com a teoria de "relevância atual", o pretérito seria usado em casos onde não há conexão com o presente e o perfeito nos outros casos. É fácil, contudo, levantar exemplos nos quais a insuficiência deste argumento é demonstrada: Gutenberg discovered the art of printing (haverá poucos eventos cujas repercussões sobre o presente sejam menores do que este). Da mesma forma, deveria ser possível dizer *I have been born in 1950 (substituir pelo ano de nascimento do falante), uma vez que, para o falante, seu próprio ano de nascimento seria, sem dúvida, relevante (p. 45).

2.2.1.8 A Continuação de um Estado dentro do Presente

Há várias tendências que querem fazer do perfeito continuativo ou universal o ponto básico da "relevância atual":

"O perfeito contínuo é freqüentemente visto como um tipo onde a relevância atual tem uma interpretação sem dúvida nenhuma concreta e a oposição com o pretérito é facilmente demonstrável. Por esta razão, ele é tomado freqüentemente como o representante "par excellence" da oposição" (p. 45).

Os exemplos fornecidos por McCoard ilustram bem isto. Em I have lived here for ten years, haveria a implicação de que "ainda moro aqui", isto é, o "morar" se estende até o momento da codificação. Em I lived here for ten years, a implicação seria a de que "não moro mais aqui". É possível, contudo, apontar exemplos em que a leitura continuativa para o perfeito junto a for e since não é automática: I have lived here on and off for ten years. Neste caso não temos certeza se o presente momento é um período "on" ou um período "off". Uma vez aceito, este argumento é motivo para não se atribuir

ã forma verbal do perfeito a capacidade de por si só indicar ' continuidade. Outros exemplos: My family has lived in this town since 1638 (claramente contínuo). Mas, My family has lived in this town, but not since 1638 (evento terminado) ou My family has lived in this town on and off since 1638 (evento de leitura iterativa) (ib.). A contrapartida do perfeito continuativo também é suscetível de críticas: o pretérito deveria colocar o evento como passado-desligado-do-presente. Um exemplo ambíguo: I lived here for ten years before I got to know my neighbor . McCoard diz que "esta sentença não nos fala nada sobre o domicílio atual do falante" (que poderia ainda estar morando "aqui" (ib.)). Há, portanto, alguns argumentos até aqui irrespondíveis quanto à tese de ser o sentido de continuidade inerente ao perfeito.

2.2.1.9 A Iteratividade

Uma das formas de se atribuir "relevância atual" ao perfeito é a sua descrição em termos de iteratividade. Segundo McCoard, Zandvoort, num primeiro momento, afirmou que o perfeito podia ser iterativo por natureza, ao menos nas ocasiões em que ele não fosse continuativo. McCoard cita um exemplo que Zandvoort considera estritamente iterativo: I have done nothing but eat and drink since I have been here² (p. 54). Pode-se estabelecer a ambigüidade desta sentença, uma vez que podemos estar falando de uma única ocasião de "empaturrar-se" ou então de algo como "tem havido mais ocasiões de comer e de beber do que de qualquer outra coisa" (ib.). O que levou Zandvoort num segundo momento a se dar conta da não adequação da noção de iteratividade como básica para o perfeito foi o poema de Matthew

Arnold que continha

And once, in winter... have I not pass'd thee near on
the wooden bridge?

seguido diretamente de vários outros perfeitos claramente iterativos como

Men ... have often pass'd thee near ...

No primeiro exemplo, o advérbio once não pode caracterizar o uso do perfeito como sendo essencialmente iterativo, pois parece haver uma incompatibilidade entre este advérbio e o sentido iterativo. Zandvoort observou que neste poema a função de todos os perfeitos é a mesma, isto é, em nossos termos, a de situar os eventos dentro de certos limites de tempo (Cfr. § 2.2.3). Como pelo menos uma das ocorrências não tem o sentido iterativo, pode-se supor que ele seja dado por outra coisa que não a forma verbal do perfeito: o advérbio, por exemplo. Para McCoard a tendência do perfeito ser lido como iterativo pode vir, em alguns casos, do fato de ser o pretérito um tempo que não pode levar o evento até o presente momento. O perfeito ofereceria, desta maneira, mais espaço para a repetição do que o pretérito. Mesmo assim dependemos de outros fatores do contexto que nos digam se este espaço é realmente ocupado por repetições (ib.).

2.2.1.10 A Possibilidade Presente de Existir Algo Relacionado com o Referente Sujeito

As modalidades da teoria de "relevância atual" vistas até aqui são basicamente propostas por gramáticos tradicionais ou estruturalistas. Mas também há, dentre os gramáticos da corrente gerativa-transformacional, os que apresentaram uma

versão de "relevância atual" aplicada ao perfeito. Tomemos o exemplo dos casos onde a interpretação da sentença parece depender parcialmente de propriedades da estrutura superficial. Nestes exemplos do perfeito a ordem linear é importante: John has lived in Princeton implicaria que John está vivo. Einstein, ao contrário, está morto. Portanto a forma mais normal de nos referirmos a ele seria Einstein lived in Princeton. Desta forma Einstein has visited Princeton implicaria na negação da morte de Einstein (Cfr. § 2.2.1.2). Isso não ocorreria em Princeton has been visited by Einstein; onde a passivização traz Princeton para frente. Princeton é uma entidade ainda existente e, desta forma, estaria justificado o uso do perfeito. Mas a dificuldade de se generalizar a implicação da existência do referente sujeito com o uso do perfeito vai aparecer diante de exemplos com negação evidente desta existência, como em Einstein has died, e de exemplos onde a existência se dá sob a forma de sobrevivência da obra literária: Aristotle has claimed... (Cfr. § 2.2.1.4).

Esta teoria se expressa também através de uma noção mais flexível de possibilidade presente de existir algo relacionado com o referente sujeito: a sentença Frege has been denounced by many people seria possível (embora Frege esteja morto) porque suas teorias e ensinamentos ainda podem ser denunciados.

McCoard reconhece que a noção de "possibilidade presente" da ação ser repetida é uma das formas de interpretação do perfeito. Não é, contudo, a noção crucial desta forma verbal.

Verifica-se, portanto, após o exame das propriedades que freqüentemente são vistas como características do perfeito de "relevância atual", o mais encontrado na literatura, que elas

não se constituem em critério adequado para distinguir entre o uso do perfeito e do pretérito. Além do mais, o próprio conceito de "relevância atual" não está bem definido e cada uma das versões apresentadas só se aplica a um pequeno número de exemplos.

2.2.2 CRÍTICA DE MCCOARD À TEORIA DO "PASSADO INDEFINIDO"

Uma das vantagens desta teoria, em suas diversas subvariedades, é que ela faz uso de uma propriedade linguística já definida - o ser "definido" - para explicar a escolha de tempo verbal. Do debate entre filósofos e linguistas parece ter ficado estabelecido que para se falar de sintagmas nominais definidos é necessário: (1) que haja um referente constituído de uma entidade (ou conjunto de entidades) com demarcação evidente separando-o de outros elementos do mesmo tipo e (2) que este referente deva ser "conhecido" pelos interlocutores, no sentido de que eles possam identificar que entidade constitui o foco de atenção em um determinado momento. Alguns autores, levando em conta a noção do que é "definido", estabeleceram um paralelismo entre o conjunto "I saw him" e "I have seen him" com o conjunto "the man" e "a man". Contudo, diz McCoard, exemplos como os que aparecem em the book, the Pope, the teacher são entidades distintas no mundo real. Tais entidades têm limites claros que as separam de entidades semelhantes, isto é, outros livros, outros papas etc. O mesmo não ocorre com os advérbios ditos "definidos" que acompanham sentenças como I saw him (yesterday, por exemplo). Pode-se dizer que algo ocorreu "ontem" e é possível entender que a ação ocorreu em qualquer um dos períodos ou momentos compreendidos entre as vinte e

quatro horas de "ontem". O advérbio yesterday seria desta forma indicador apenas de um "quadro" definido dentro do qual se situaria o evento. As consequências desta constatação para a descrição do uso do perfeito aparecerão mais claramente nos exemplos a seguir. Com efeito, se yesterday e last Friday forem aceitos como tempo definido pelos adeptos desta teoria, o intervalo entre eles também deveria ser aceito como definido: from last Friday through yesterday (embora, na realidade, apenas o "quadro" dentro do qual se situa o evento está definido). Este advérbio deverá ocorrer com o pretérito, e assim acontece. Mas, retomando o raciocínio, se yesterday é definido, o momento da codificação também deverá ser, uma vez que se pode supor que o falante ou escritor sempre transmite à sua audiência o tempo do momento da codificação (exceto, naturalmente, se ele estiver se servindo de uma gravação). Se o momento da codificação for considerado definido, então o advérbio from last Friday up till now também deveria ser aceito como definido e, consequentemente, vir com o pretérito. Mas ele aparece com o perfeito. Isto é, as condições para se dizer que o evento é definido temporalmente existem, mas, contrariamente ao que se espera, não é o pretérito o tempo empregado: From last Friday up till now, I have had nothing but problems (* From last Friday up till now, I had nothing but problems). Ao menos para os exemplos apontados, portanto, a noção do perfeito associado a um advérbio "indefinido" não funciona satisfatoriamente. Como diz McCoard:

"Ou devemos fazer alguma distinção ad-hoc entre dois sentidos de "ser definido" ou devemos admitir que uma nova descrição é necessária" (p. 69).

2.2.2.1 Advérbios e Tempo Definido

Um segundo argumento contra a teoria do passado indefinido pode ser visto com os advérbios que, por serem definidos, excluiriam totalmente o perfeito; yesterday, two months ago, last weekend etc.: eles podem ser usados com o perfeito, ao serem justapostos para indicar um período de tempo que se estende até o momento da codificação: I have gone back to visit two months ago, last weekend, and just yesterday (so far). E também: I've tried to reach them last night and this morning, but so far without success. Nestas sentenças, cada um dos advérbios individualmente permanece definido e o momento de codificação também é definido e, mesmo assim, pode-se usar o perfeito.

Deve-se ainda levar em consideração advérbios como never, ever e always que podem ser tomados como indefinidos (never at any time) e ocorrem tanto com o perfeito quanto com o pretérito (Cfr. § 2.3) : I never learned how to swim in my youth e I have never yet learned how to swim . McCoard comenta que:

"... o fato do tempo ser definido aparece como uma característica secundária da oposição verbal e é fundamentalmente accidental. Acontece que muitos dos exemplos usados por gramáticos para ilustrar a oposição (pretérito/perfeito) estão cheios de advérbios que podem ser avaliados em termos de sua "definitude". Eles tornam o contraste mais claro, certamente, mas acabam atraindo a atenção para o fato do tempo ser ou não definido. Tal movimento é compreensível, mas, eu acredito, é um erro " (p. 86) .

Há, portanto, evidências para se concluir, após o exame da teoria do "passado indefinido" que diz ser o perfeito a forma verbal para exprimir um evento passado não especificado quanto ao tempo, que (1) ser definido (ou não) não é uma condição necessária ou suficiente para a escolha entre o perfeito e o pretérito, (2) é problemático definir o que é "definido" e quais advérbios seriam assim classificados.

2.2.3 A TEORIA DO "AGORA AMPLIADO"

Após ter examinado várias teorias que se propõem a explicar o uso e os sentidos do perfeito, McCoard se fixa na teoria chamada por ele de "agora ampliado" (extended now) como sendo a mais adequada para a descrição deste tempo verbal. Ela supera vários problemas que aparecem na análise dos exemplos encontrados na literatura. Sua vantagem principal é a de evitar atribuir aquilo que seria informação basicamente contextual ao que se acredita ser informação veiculada pela forma do perfeito em si. O perfeito simplesmente denotaria o período de tempo que o evento abrange. O pretérito, por outro lado, representa uma ação como tendo ocorrido no passado definitivamente separado do presente. O perfeito tem, então, a função de incluir uma ação ou estado dentro de certos limites de tempo. Tais limites de tempo são os envolvidos em um período que começou no passado (próximo ou remoto) e se estende até o presente ou mesmo para dentro do presente. Do ponto de vista do presente, o falante olharia para alguma parcela contínua do passado e, dentro desta parcela, ele colocaria a ação ou estado. Como exemplos pode-se levantar:

The messenger has just arrived (a parcela do passado considerada seria só de um momento).

The old house has been left untenanted for many years (a parcela seria de um tempo consideravelmente grande).

"Men have died from time to time and worms have eaten them, but not for love" (Shakespeare) (aqui, parcela incluindo todo o tempo passado) (p. 126).

Se quisermos usar uma categoria para definir a carga semântica do perfeito, a escolha recairá sobre a categoria "inclusão". Com efeito, o perfeito, em si, nada mais faz senão isto: incluir a ação ou estado dentro de certos limites de tempo. Quaisquer outros sentidos comumente atribuídos ao perfeito, como vimos, podem ser anulados, por exemplo, pela inclusão de um advérbio na sentença. Em alguns casos, de acordo com a pesquisa de Marshall (1979) (ver § 2.3.1), parece estar havendo um processo de contaminação sintática onde o pretérito é usado em contextos em que tradicionalmente se usava o perfeito.

2.2.3.1 Os Advérbios Temporais

Há certos elementos linguísticos que influenciam a interpretação dos eventos em suas relações uns com os outros e, desta forma, influenciam a interpretação do pretérito e do perfeito. Entre estes, os advérbios temporais. Constata-se que alguns advérbios geralmente acompanham o pretérito, outros o perfeito. Outros, talvez a maioria, apareceriam livremente com o pretérito ou o perfeito. É, contudo, tarefa difícil dividir os advérbios em classes que poderiam ajudar no estabelecimento da natureza semântica dos tempos que os acompanham. Lately, por exemplo, aceita só o perfeito e recently aceita tanto o pretérito quanto o perfeito (e, curiosamente, os dois são vistos como sinônimos). McCoard propõe um tipo de categorização a partir do traço $[+ \text{Então}]$, traço este que, segundo ele, caracteriza os eventos e estados expressidos pelo pretérito e pelo perfeito (o pretérito identifica eventos com o traço $[+ \text{Então}]$, isto é, os eventos são separados do "agora"; o perfeito, por outro lado, os situa numa perspectiva do "agora" e tais eventos são, portanto, caracterizados como $[- \text{Então}]$).

[+ Então]	[+ Então]	[- Então]
(aparecem com o pretérito)	(admitem ambos os tempos)	(não admitem o pretérito)
long ago	long since	at present
five years ago	in the past	up till now
once (= antiga mente)	once (= uma vez)	so far
yesterday	today	as yet
the other day	in my life	not yet
those days	for three years	during these five years past
last night	today	since the war
in 1900	recently	lately
at 3:00	just now	before now
after the war	often	'
'	always	'
'	never	
	already	
	'	

Quanto à classificação de cada item, McCoard reconhece que

"O leitor pode não concordar com cada entrada; parece haver alguma variação genuína por parâmetros geográficos e sociais; por exemplo, o inglês britânico parece preferir usar just e already somente com o perfeito" (p.135).

O problema com estes traços é que, para advérbios do tipo today e this morning que são ambíguos - já que podem se referir a um período acabado ou em curso - a marcação não é puramente lexical. Os traços dependeriam de uma informação do contexto. Estes advérbios seriam gerados pelo enunciado como um todo.

2.2.3.2 O Caráter da Ação Expressa pelo Verbo

McCoard assinala que há certos fenômenos que em teoria poderiam continuar indefinidamente, como a ação expressa por walk, sleep e study. Estes verbos seriam "atêlicos", isto é, não definidos quanto ao término ou alvo. Por outro lado, há fenômenos que necessitam de um ponto de resolução ou auge como, por exemplo, a ação expressa por decide, wake, drown. Estes seriam os verbos "têlicos" ou definidos quanto ao término da ação ou alvo. Nas palavras de McCoard:

"Se um evento têlico (swim, por exemplo) é interrompido em algum ponto no curso de seu desenvolvimento, ainda podemos dizer que o evento ocorreu; mas se uma interrupção ocorre com um evento têlico (drown, por exemplo), não podemos dizer que o evento ocorreu" (p. 141).

Não basta olhar só para o verbo para se dizer que um evento é "têlico" ou "atêlico". Há alguns fatores que têm uma influência direta nesta classificação: John has written seria "atêlico", mas John has written a new book seria "têlico" devido à adição de um objeto direto no singular. Em John has not written a new book o emprego de partícula negativa faz com que uma sentença "têlica" se transforme em "atêlica". John read the book é "têlico", até que se lhe acrescente uma expressão adverbial: John read the book for an hour, que é "atêlico".

A distinção têlico/atêlico introduz a noção de perfeitos de sentido conclusivo. Embora seja uma variedade de "relevância atual" e nada mais do que isto, este sentido será discutido nesta parte da dissertação pelo fato dele ter sido estudado por McCoard dentro da teoria do "agora ampliado". Alguns autores descrevem o perfeito como o indicador da conclusão de uma ação (o que o caracterizaria como aspecto). McCoard,

utilizando-se da noção tético/atético vista acima, lembra ' que há ações que não podem ser consideradas concluídas até ' que tenha chegado o seu termo (waken, por exemplo). São os ' eventos "téticos". Em sentenças onde eles aparecem, o senti do de conclusão não é inerente ao perfeito. O sentido de con clusão seria, portanto, apenas um elemento do conteúdo semân tico dos verbos e de outros fatores apontados, como a presen ça de um objeto direto e de um advérbio. Mesmo assim, pode-se dizer que os verbos "téticos" apenas admitem a leitura de "conclusão presente", eles não a exigem. Isso pode ser exem plificado com a sentença I have persuaded him once already, but he may have lost heart and need another talking-to. Nes te caso "ele" estava persuadido logo após eu ter falado com ele, mas talvez não esteja mais. Não há necessariamente uma conclusão presente da ação de "persuadir". E, no entanto, ' este é um verbo "tético". A conclusão de McCoard é que

"... é difícil ver a utilidade de se chamar o perfeito de portador do sentido de conclusão " (p. 145).

McCoard apresenta , em suma, uma definição da teoria do "agora ampliado" que, para ele, resolve problemas surgidos ' na análise dos exemplos vistos até aqui e evita atribuir in formação contextual às formas verbais do perfeito. Os fato res que têm um papel na escolha do perfeito em qualquer exem plo são: (1) o posicionamento da ação/estado dentro de um período de tempo, (2) o uso de advérbios, alguns dos quais tendem a ocorrer com um ou outro tempo e (3) o fato do ver bo ser "tético" ou "atético". Esta enumeração não pode ser aceita como completa, uma vez que McCoard não explicita ou tros fatores (pragmáticos) ao discorrer sobre a teoria do ' "agora ampliado".

2.2.4 CRÍTICA DE MCCOARD À TEORIA DO "PASSADO SUBORDINADO" (A UM PRESENTE)

Trata-se aqui de um grupo de teorias que não examina o perfeito através de uma confrontação direta com o pretérito. O perfeito é considerado apenas como um dos tempos envolvidos em certos princípios da gramática. Tais princípios funcionam como generalizações importantes sobre o sistema verbal. Um dos objetivos destas teorias é o de mostrar que o auxiliar tem muito em comum com os verbos ditos "principais". Assim sendo, o auxiliar have, indicador do perfeito, seria semelhante ao verbo "principal" have e talvez até igual a ele num nível mais profundo. É, portanto, como uma espécie de estrutura composta em que há um pretérito subordinado a um presente (Embedded Past) que estas teorias consideram o perfeito. McCoard diz que:

"debateremos os aspectos mais técnicos das teorias só na medida em que isto for necessário para a exposição; nosso interesse específico é pelo modelo semântico do perfeito que, em sua maior parte, permanece implícito e não justificado na teoria do "perfeito subordinado" (p. 166).

2.2.4.1 Os Infinitivos Perfeitos

McCoard reconhece a existência de um argumento em favor da teoria do perfeito como "passado subordinado" que, à primeira vista, parece sólido. Trata-se de perfeitos sem tempo (tense), aqueles que aparecem juntos com expressões epistêmicas (isto é, que dizem do "valor de verdade"): he is supposed(to) ..., he is said (to) ... etc. :

"Considerem que enquanto não podemos dizer * he has left last Tuesday, nós podemos dizer he is understood to have left last Tuesday ou he may have left last Tuesday. Parece que nestes dois últimos exemplos um preterito "ori

ginal" foi de alguma forma transformado em um infinitivo perfeito. O fato do advérbio, que em sentenças independentes somente é compatível com o pretérito, permanecer com os perfeitos sem tempo (tense) sugere que, de maneira diferente dos perfeitos que estivemos estudando antes, os perfeitos aqui são apenas substitutos de pretéritos, sem nenhuma diferença de sentido " (p. 179).

Entretanto, tal substituição de tempos, isto é, a transformação de sentenças do tipo he left last Tuesday em he is understood to have left last Tuesday nem sempre é automática. Isto aparece de modo claro no exemplo John was in Africa last Tuesday que pode ser reformulado como John was rumored to be in Africa last month (aparentemente porque os tempos do passado devem ser aqui entendidos como simultâneos). Além disso, em sentenças que exprimem futuridade (Jack was leaving the next day) não é possível usar-se o infinitivo perfeito (* Jill believed Jack to have left the next day). Tais "falhas" no sistema de substituições enfraquecem a capacidade deste sistema em funcionar como um argumento de apoio para a teoria do "passado Subordinado".

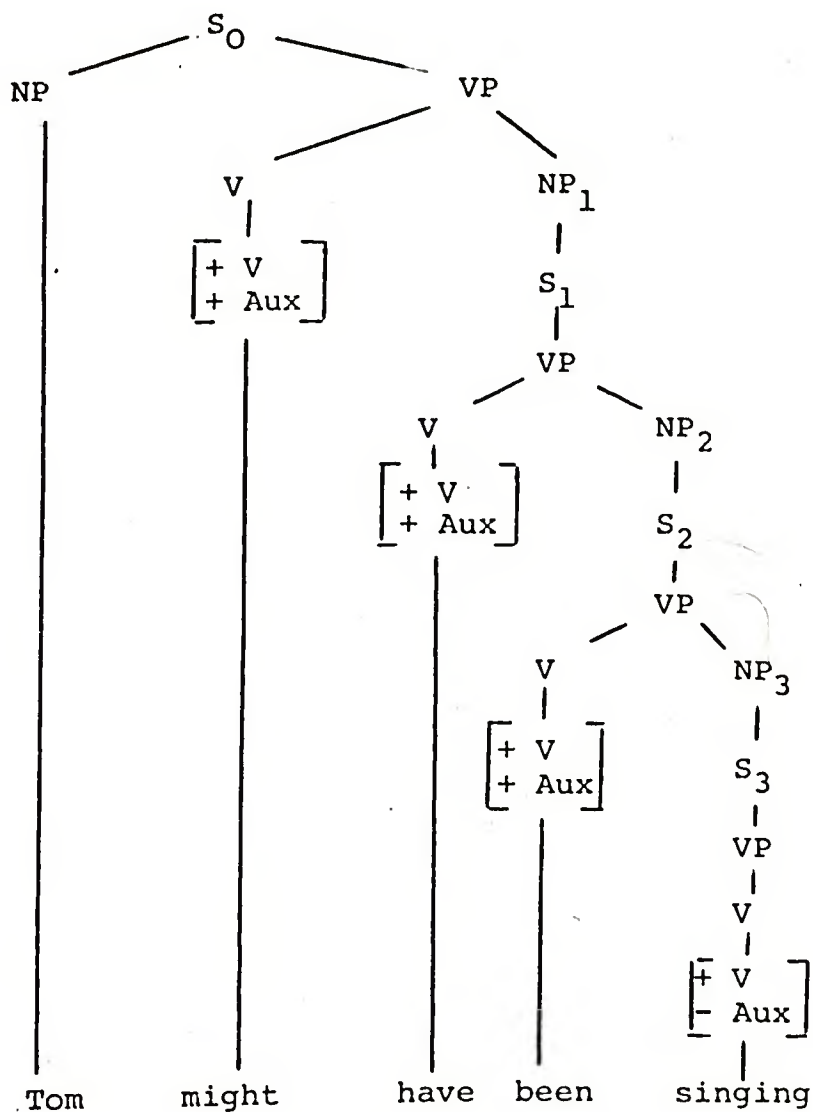
2.2.4.2 O Auxiliar como Verbo Subjacente

A evolução das teorias gerativistas levou o auxiliar a ser visto como uma hierarquia de verbos subjacentes. Esta nova visão foi obtida a partir de um tratamento do infinitivo perfeito como derivado de um pretérito subjacente:

(este tratamento) "... ofereceu uma sugestão muito mais tentadora, a de que alguns perfeitos não subordinados (isto é, aqueles que não são infinitivos perfeitos. Nota do autor desta dissertação.) poderiam ter uma estrutura interna que não apareceria de modo óbvio na superfície. Estas idéias se uniram àquelas de uma escola "semântico-gerativa emergente de Gramática Transformacional que estava ansiosa para superar as complicações e idiosincrasias dos itens lexicais, morfemas e sintagmas, e descobrir os princípios e formas gerais subjacentes, "

que poderiam ter pouca semelhança com as categorias familiares da teoria linguística - mesmo a teoria de Chomsky. A tendência geral da abordagem da semântica gerativa sobre o auxiliar pode ser vista tomando-se um exemplo de Ross " (ib.:p. 181).

O exemplo citado (ib.) tem a seguinte representação na árvore:



Neste exemplo de Ross³, os elementos que até então eram classificados simplesmente como partes do auxiliar são agora elevados ao estado de verbos "principais" na estrutura profunda, diferenciados dos outros verbos apenas pelo traço [+ Aux] em suas entradas lexicais.

2.2.4.3 A Semântica do Perfeito

Segundo McCoard, o modelo semântico do perfeito para a teoria do "passado subordinado" aparece mais articulado em McCawley (1971)⁴. Para este autor o sentido do perfeito é algo mais do que apenas o "presente de um passado", como poderia parecer pela formulação do perfeito como passado subordinado (a um presente). Ele distingue quatro usos para o perfeito: (1) para indicar um estado de coisas que continua desde um instante no passado até o presente ("Universal Perfect"): I've known Max since 1960 , (2) para indicar a existência de eventos passados ("Existential Perfect"): I have read Principia Mathematica five times, (3) para indicar que o efeito direto de um evento passado ainda continua ("Stative Perfect"): I can't come to your party- I've caught the flu e (4) para relatar fatos recentes ("Hot News Perfect"): Malcom X has just been assassinated.

McCawley reconhece a possibilidade de se simplificar o quadro de significados do perfeito. O perfeito "Hot News" seria apenas uma variedade do perfeito existencial. Se o ouvinte não sabe que um evento ocorreu então para ele, ouvinte, o evento é possível de acontecer e, portanto, eventos já acontecidos (old news) podem contar como "hot news". Haveria, portanto, uma ligação entre os perfeitos de tipo existencial e os de tipo "hot news", ligação esta que depende do contexto pragmático (p. 189).

Foram vistos aqui alguns problemas da teoria do perfeito como "passado subordinado". Pode-se dizer, quanto a esta teoria, que o caráter da subordinação aplicada aos tempos

verbais é diferente de outras espécies de subordinação encontradas mais comumente na gramática. Há bastante semelhança entre o modelo semântico do perfeito apresentado por McCawley e modelos apresentados pela teoria de "relevância atual", uma vez que McCawley usa termos como "efeito direto de um evento passado" e "estado de coisa que continua" para se referir aos sentidos do perfeito. A teoria do "passado subordinado", portanto, não representa um avanço significativo na descrição do perfeito, uma vez que ela não consegue superar os problemas que aparecem na descrição do perfeito de "relevância atual".

2.2.5 CRÍTICA AO TRABALHO DE MCCOARD

O número de páginas relativamente grande dedicado ao livro de McCoard se justifica pela importância da contribuição trazida por ele à discussão do perfeito, contribuição essa que é reconhecida por Marshall (1979) (Cfr. § 2.3).

Uma crítica a MacCoard pode ser encontrada em uma revisão feita por Wekker (1980). Para ele

"O maior mérito do trabalho de McCoard é sua lucidez e sua abordagem sistemática" (p. 268).

É um fato que, embora haja poucas contribuições originais de McCoard no livro, os trabalhos mais importantes sobre a descrição do perfeito estão aí comentados. Wekker diz, contudo, que uma das principais fraquezas do trabalho de McCoard é a falta óbvia de um programa de análise pragmática claramente definido e explícito. Com efeito, McCoard só enfatiza a necessidade de uma análise pragmática, sem levá-la a cabo em nenhum dos exemplos citados. Isso talvez necessitasse de um

novo livro totalmente dedicado ao tema.

Wekker comenta a busca de uma teoria para a semântica do perfeito:

"A principal fraqueza do livro de McCoard é sua tentativa de encontrar um sentido básico ou unitário para todos os usos do perfeito" (ib.).

Esta parece ser uma controvérsia frequente na literatura. Para Feigenbaum (1978:9):

"Há duas abordagens para se definir uma forma gramatical. Uma é estabelecer um sentido único que é assinalado toda vez que a forma é usada. O outro é estabelecer vários sentidos, cada um correspondendo a um dos usos distintos da forma".

Não me parece que McCoard esteja falando de um sentido único para o perfeito toda vez que a forma estiver sendo usada. Discordo de Wekker neste pormenor, mas concordo que

"Procurar o sentido básico do perfeito é procurar o im possível, a não ser que estejamos satisfeitos com uma definição muito vaga e abstrata". (1980: 268)

Wekker não me parece estar com razão ao dizer que

"Todos sentem que há algo forçado ao se chamar exemplos bem conhecidos, tais como John has lived here for five years e Have you ever been to London? exemplos de "agora ampliado" (ib).

Uma vez que a teoria do "agora ampliado" só faz colocar uma ação ou estado dentro de certos limites de tempo (Cfr. § 2.2.3) e deixa outras implicações de sentido porventura existentes na sentença fora da gramática, a crítica de Wekker parece ter pouca razão de ser.

2.3 O "PRETÉRITO COLOQUIAL"⁵ VERSUS O "PRESENT PERFECT": UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA

Marshall (1979) trabalha, em sua pesquisa, com a noção de variante sociolingüística. Originalmente tal noção foi empregada em estudos a partir de dados fonológicos. Três problemas se colocam no estudo de uma variante sintática: (1) a definição dos contextos nos quais a variante opera, (2) a comprovação das variantes serem ou não sinônimas e (3) a elicitación de um número suficiente de amostras.

Quanto à definição dos contextos relevantes, Marshall só levou em conta o pretérito e o "Present Perfect" em contextos onde os dois fossem intercambiáveis. Todos os ambientes onde as duas formas têm um contraste de sentido e não são alternativas uma para a outra foram eliminadas.

A sinonímia das formas é aceita quando elas são sinônimas em um sentido geral, sem consideração por nuances de sentido.

As amostras foram colhidas a partir de entrevistas na medida do possível informais. Nelas apareceram os exemplos necessários para a análise do pretérito e do "Present Perfect" como variantes sintáticas.

Marshall não tem a preocupação de estudar os exemplos do pretérito e do "Present Perfect" onde há um contraste de sentido:

"Seria possível fazer uma longa análise sobre isto neste documento. Contudo, o recente trabalho de McCoard sobre este tópico é abrangente e excelentemente executado e a presente autora remete o leitor a este trabalho para uma compreensão das distinções de tempo" (p. 39).

É de se esperar, portanto, que o trabalho de Marshall de cer-

ta forma complete o trabalho de McCoard, iluminando o campo do perfeito e do pretérito como variantes sintáticas.

A autora faz uma pesquisa sobre o uso do "Pretérito Coloquial", entendido como a ocorrência do pretérito em situações onde se esperaria encontrar o perfeito no inglês americano.

2.3.1 RESULTADOS

Os resultados obtidos por ela apontam para três fatores como sendo os fundamentais na escolha do pretérito em lugar do "Present Perfect": (1) o informante - certas pessoas sistematicamente usam mais o pretérito, (2) a presença de um dos advérbios (escolhidos, após estudo piloto, como sendo os mais frequentes com o "Pretérito Coloquial"): always, ever, never, already, yet, just e finally e (3) o contexto (isto é, o modo pelo qual foi formulada a tarefa executada pelo informante) (p. 345).

Entre os informantes, as diferenças de uso dos tempos apareceram condicionadas à diferença de idade, classe social e educação. Crianças usaram o "Pretérito Coloquial" mais do que adultos. Pessoas idosas de classe média baixa idem, se comparadas àquelas pessoas idosas de classe média alta. Quanto à educação, os de nível mais alto e os de nível mais baixo coincidiram no uso aumentado do "Pretérito Coloquial". Nos níveis intermediários de educação, o uso não era muito frequente.

Os advérbios se distribuíram em camadas de frequência de uso: com o "Pretérito Coloquial" apareceram em alta proporção: just e finally; em proporção média: always, ever e

never, e baixa: already e yet (p. 346).

As tarefas organizadas de forma a terem um contexto (isto é, aquelas que pediam, por exemplo, para que o informante representasse uma brincadeira com o entrevistador na qual este último faria o papel de um estranho que diz conhecer o informante e este deve responder com o advérbio never em uma sentença), apresentaram maiores índices de "Pretérito Coloquial" do que aquelas tarefas fora de contexto (por exemplo, dar uma opinião sobre qualquer coisa usando o advérbio always) (p. 121).

Há ainda as distinções de sentido entre o "Pretérito Coloquial" e o "Present Perfect" feitas pelos informantes. As mais comuns foram: (1) uma distinção de "sobretens" (significando sentidos secundários que podem ser atribuídos ao perfeito): o "Pretérito Coloquial" foi usado para uma ação única (I read the book) e o "Present Perfect" para uma ação iterativa (I have read the book twice) e durativa (I have read the book for two hours), todos estes sentidos levando em conta também o contexto; (2) uma distinção de ponto de vista por parte do falante em que o "Pretérito Coloquial" foi usado para exprimir uma atitude de rejeição e o "Present Perfect" uma atitude de aceitação (p. 262). Um informante que consistentemente vinha usando o "Present Perfect" mudou para o pretérito em I never danced on toe shoes. Aqui seria aceitável o perfeito, mas o informante era homem e queria deixar bem claro que never incluía o presente, o passado e o futuro. O uso do "Present Perfect" poderia implicar uma aceitação de executar a ação no futuro. O pretérito neste uso não é um pretérito na acepção da palavra porque ele se apli-

ca até o momento presente (p. 266). A atitude de aceitação é exemplificada pela resposta de um informante à menção de Chester Heights, um local na cidade desconhecido para ele, comparada à menção a um restaurante pequeno, Sagano, em área pouco valorizada da cidade (ib):

a. Chester Heights? I've never even heard of that.

b. Sagano? I never heard of that.

Na primeira sentença o informante provavelmente estaria interessado em Chester Heights e curioso para saber algo mais a respeito do local, o que justificaria o uso do "Present Perfect". Na segunda sentença, o uso do pretérito na referência ao restaurante pode significar, segundo Marshall, uma falta de interesse ou até mesmo rejeição.

Marshall também examinou alguns outros fatores que foram classificados por ela como menos importantes. Trata-se de algumas estratégias que levavam os falantes a mudar de tempo (isto é, uma variação linguística numa mesma pessoa).

"Quando um traço linguístico específico ou traço contextual pareceram ter contribuído para uma mudança na mesma direção - do "Present Perfect" para o "Pretérito Coloquial" ou vice versa - então essa pesquisadora buscou interpretar este grupo de mudanças similares como uma estratégia para a mudança de tempo. Estas estratégias não foram usadas conscientemente pelos informantes" (p. 125).

As estratégias que tiveram maior importância foram as distinções de estilo e de sentido. Os informantes usaram o "Pretérito Coloquial" ao mudar de um estilo formal para o informal. Alguns informantes tinham a tendência de usar o "Pretérito Coloquial" quando queriam se exprimir de forma mais assertiva ou de uma maneira mais emocional. Um informante, por exemplo, fazia uma distinção entre a forma que ele normalmente u-

sava - o "Pretérito Coloquial" - e a forma usada para certos fins específicos - como para se dirigir aos filhos, como se quisesse "moldar" o tipo de linguagem que eles deveriam empregar:

- a. (com a mulher: pretérito): Rodha, did you give the plants away?
- b. (com a filha: perfeito): Nancy, have you returned the library books I . . . (p. 258)

Marshall apresenta sugestões para o ensino do perfeito para estudantes de inglês como língua estrangeira, levando em conta a realidade do "Present Perfect" e do "Pretérito Coloquial" poderem exprimir o mesmo tipo de ação ou de estado em determinados contextos. Suas idéias pedagógicas serão examinadas no capítulo III deste meu trabalho.

2.4 UM ESTUDO SOBRE O USO DO "PRESENT PERFECT" NO INGLÊS AMERICANO E BRITÂNICO

Segundo Wade (1978) é duplo o objetivo de sua pesquisa:

"Primeiro, examinar exemplos proferidos por falantes de inglês americano e britânico e descobrir em que extensão e em quais áreas o uso do Past e do Present Perfect diferem nas duas variedades de língua. Segundo, examinar o inglês americano e britânico com o fim de esclarecer o que determina o uso do Past e do Present Perfect e prover assim uma base para o ensino" (p. 2).

O segundo dos objetivos, a descrição do perfeito no inglês americano e britânico, é o que inicia a pesquisa. No capítulo primeiro é apresentado um estudo sobre (1) tempo cronológico, (2) tempo verbal, (3) o pretérito e (4) o "Present Perfect".

O conceito de tempo cronológico é independente da língua, sendo determinado pelo ambiente que nos rodeia e suas variações, como a rotação da terra etc. Essa observação vai fornecer argumentos para que Wade defenda a idéia de que se deve deixar claro que não há correspondência um a um entre tempo cronológico e tempo verbal em inglês.

Tempo verbal não aparece em todas as línguas. Wade, após considerar a tese de McCawley (1971) sobre tempo verbal como verbo subjacente na estrutura profunda, diz que o conceito de tempo na estrutura superficial não viria expresso exclusivamente pelo tempo verbal, mas em parte pelo verbo e em parte pelo advérbio. Essa observação se justifica, no contexto do ensino de línguas, pelo fato de muitos livros-texto não levarem em conta a possibilidade de haver mais de uma forma de expressar tempo cronológico na sentença inglesa.

A descrição do pretérito que Wade oferece se faz através dos seguintes pontos: (1) um levantamento dos advérbios compatíveis com o pretérito (aqueles que excluem o presente, como yesterday, at that time etc), e os que podem ou não excluí-lo (this morning etc.), (2) um levantamento dos usos do pretérito (uso contínuo, implícito na semântica do verbo: I studied all day yesterday ; uso iterativo, expresso pelo advérbio: Katie's eyes shone each time she told the story). Wade reconhece, contudo, não serem inerentes ao pretérito os sentidos acima descritos.

Quanto ao "Present Perfect", Wade critica inicialmente a descrição em termos de "relevância atual" que, segundo e-

la, não exclui *They've come last Monday, no significado de que eles vieram segunda-feira e ainda estão aqui (devido à restrição quanto ao uso de yesterday com o perfeito, o sentido buscado poderá ser exprimido, por exemplo, como They came last Monday and they are still here). A descrição nos termos de "relevância atual" não explica o uso de tempos diferentes nas duas sentenças possíveis no mesmo contexto (pragmático):

- a. I have bought this car
- b. I bought this car last week

Elas poderiam ter sido ditas pelo proprietário ao mostrar sua nova aquisição a um amigo:

"Em ambos os casos o ato de comprar o carro tinha sido completado no passado e os resultados daquela compra 'ainda permaneciam no presente' (p. 14).

Além disso, a noção de "relevância atual" seria desnecessária em certas sentenças que não implicam tal noção em nenhum sentido óbvio e, no entanto, estão no perfeito:

I have sat for hours watching the waves on a stormy day (p. 15).

Wade critica, portanto, o perfeito de "relevância atual" mas, surpreendentemente, ela usa esta noção em suas sugestões pedagógicas, como se verá no capítulo III desta dissertação.

Também a atribuição do sentido continuativo ao perfeito é considerada por Wade:

"A menos que a duração da ação esteja implícita no contexto, o uso de um advérbio denotando extensão ou duração a partir de um ponto presente é essencial" (p. 6).

Nas sentenças He has studied Science since 1970, He has studied Science for eight years, ela diz que a continuidade até o presente é expressa pelo advérbio de duração e não inteiramente pelo "Present Perfect". Mas, para a autora, o "Present Perfect" tem alguns sentidos próprios. Ele indica a conclusão ou a ocorrência passada do evento em algum tempo não especificado, dentro de um período de tempo que se estende até o momento do

codificação. Trata-se aqui dos sentidos do perfeito de conclusão e do "Passado Indefinido", portanto (ver § 2.2.3.2). Para o primeiro deles não é apresentado um argumento que justifique a sua escolha. Quanto ao segundo, perfeito de "Passado Indefinido":

"(o Present Perfect) é um tempo passado indefinido uma vez que não é usado com advérbios que na mente do falante relacionam o evento com qualquer tempo mais definido do que o antes-do-agora. Esta não-definição do Present Perfect contrasta com o pretérito, que se refere a um passado definido" (p. 18).

No § 2.2.2. foram apresentados argumentos que colocam em cheque, por exemplo, a afirmação de que advérbios como yesterday são definidos quanto ao tempo. Esta objeção, caso aceita, abalaria a noção do perfeito como portador da característica de não-definição temporal.

Wade se aproxima em alguns pontos da teoria do perfeito como portador do sentido de "agora ampliado":

"o Present Perfect é um tempo presente inclusivo no sentido em que ele não exclui o momento presente. O evento em questão é parte do período total do tempo passado precedente e inclui o agora. É como se o falante estivesse vendo o passado a partir de sua posição presente no tempo, o momento da fala" (p. 19).

2.4.1 A VARIANTE SINTÁTICA: "PRETÉRITO COLOQUIAL"/"PRESENT PERFECT"

O objetivo seguinte de Wade é o exame da variação sintática⁶ entre o "Pretérito Coloquial" e o "Present Perfect" nos falantes de inglês americano e inglês britânico. O capítulo segundo de seu trabalho apresenta uma análise dos dados recolhidos de falantes nativos que responderam a um questionário de vinte e seis itens do tipo (dez informantes americanos e dez informantes britânicos responderam o questionário):

"A husband returns home from work in the evening and finds his wife watching TV. He says

a) Have you had a good day?

or

Did you have a good day?

b) What have you done all day?

or

What did you do all day? (p. 21)

Algumas diferenças entre o inglês americano e o inglês britânico aparecem nos resultados de Wade. Quando havia um evento ou ação no passado sem um advérbio referente, os informantes britânicos e americanos usaram indiferentemente o pretérito e o perfeito, notando-se, entretanto, uma ligeira preferência dos informantes britânicos pelo uso do perfeito. Com advérbios, o uso de just com o pretérito não foi aceito pela maioria dos informantes britânicos, enquanto que 90% dos informantes americanos aceitou este uso. Quanto a ever, 30% dos informantes britânicos considerou aceitável o uso deste advérbio com o pretérito, em contraposição a 70% dos informantes americanos. 90% dos informantes britânicos rejeitou o uso de already com o pretérito, enquanto que 60% dos informantes americanos aceitou este uso (pp. 91-6). Tais resultados se aproximam daqueles descritos por Marshall (1979) para o inglês americano (Cfr. § 2.3.1).

O capítulo terceiro do trabalho de Wade é uma análise da conversação gravada entre dois linguistas: Albert Marckwardt, americano, e Randolph Quirk, inglês. A conversa está transcrita no livro "A Common Language: British and

American English". Wade analisou a frequência e o tipo de uso do "Pretérito Coloquial" e do "Present Perfect" como aparecem no livro. A conclusão de Wade é a seguinte:

"Os períodos de tempo indicados pelo pretérito e pelo Present Perfect se sobrepõem e um evento que teve lugar no passado pode ser expresso por qualquer um deles. Qual tempo será realmente escolhido pelo falante depende de como o falante vê o evento em relação ao tempo, do que ele deseja dizer, de qual informação ele deseja dar" (p. 19).

Em termos gerais a afirmação é válida. Há vários fatores sociolinguísticos que poderiam ser considerados aqui, como se pode ver em Marshall (1979).

Wade relata os resultados obtidos no exame de seu corpus:

"É somente na área do passado indefinido e em particular do passado imediato e recente que o inglês americano difere do inglês britânico. O inglês americano usa a forma do pretérito muito mais frequentemente do que o inglês britânico (...). O uso frequente do pretérito é especificamente notável em conversas informais e em menor grau no discurso mais formal" (p. 78).

Ela diz que a preferência na fala americana pelos tempos do pretérito pode ser considerada como um exemplo de economia de fala ou simplificação da língua. Também, afirma Wade, o uso do perfeito no inglês britânico é em parte condicionado pelo fato de ^{os britânicos,} eles serem mais conservadores (são, além do mais "insulares", diz ela). Por este motivo tenderiam a resistir à mudança linguística. O estudo da mudança linguística exemplificada no caso do perfeito teria de ser levado muito mais a fundo para ser possível dizer-se algo a respeito. Wade utiliza apenas um critério geográfico que, isoladamente, não significa muito.

Os resultados de Wade se assemelham, portanto, aos de Marshall, exceto quanto à distinção que Wade faz entre inglês

americano e britânico. Sua pesquisa é, no entanto, de âmbito mais modesto e não apresenta uma sistematização da variação linguística entre o "Pretérito Coloquial" e o "Present Perfect", distinguindo, por exemplo, entre fatores de maior peso na escolha de uma ou outra forma e fatores de menor importância, como os estilísticos.

No final de sua pesquisa, Wade faz a ligação de seus resultados com sugestões para o ensino do perfeito que serão vistas no capítulo III deste meu trabalho.

2.5 O ASPECTO PERFEITO: INTERFERÊNCIAS SINTÁTICAS POR PARTE DE ESTUDANTES BRASILEIROS APRENDENDO INGLÊS⁷

Diferentemente dos autores vistos até aqui, Nicolacópulos (1976) se propõe a fazer um trabalho de análise contrastiva português-inglês e de análise de erros. Ele reconhece haver interferências entre a língua materna, português, e a língua-alvo, inglês, na construção de sentenças com o perfeito por estudantes brasileiros.

Após um breve primeiro capítulo sobre a análise contrastiva e o estágio inicial em que tais estudos se encontram no Brasil, o trabalho de Nicolacópulos apresenta um segundo capítulo com uma discussão teórica que versa sobre o fato de tempo e aspecto serem ou não traços universais da linguagem. A discussão sobre o perfeito é introduzida e o autor faz sua escolha em termos de uma descrição para este tempo verbal. Segue-se um pequeno corpus de sentenças no perfeito feitas por estudantes universitários brasileiros. O capítulo terceiro é o exame deste corpus à luz do arcabouço teórico do capítulo segundo. Em seguida aparecem algumas conclusões sobre

os usos do perfeito em inglês e, em apêndices, sugestões didáticas para seu ensino a estudantes brasileiros, que serão examinadas no capítulo III deste meu trabalho.

2.5.1 USOS DO PERFEITO

Nicolacópulos retoma a discussão sobre os infinitivos perfeitos (Cfr. § 2.2.4.1) e apresenta a descrição dada por McCawley⁽¹⁹⁷¹⁾ para os sentidos do perfeito (Cfr. também § 2.2.4.3). Fazendo reparos à descrição de McCawley, Nicolacópulos admite que o perfeito existencial possa cobrir os sentidos do perfeito "Stative" e do perfeito "Hot News":

"Quanto ao terceiro uso do Present Perfect - (c) Stative - eu penso que o exemplo dado por McCawley pelo menos - pode ser coberto pelo caso do perfeito existencial. Ao dizer I've caught the flu podemos distinguir dois sentidos diferentes: um que exprime que você apanhou resfriado ' ao menos uma vez e que está relacionado com o Present Perfect existencial, e o outro que você apanhou resfriado e está ainda sofrendo seus efeitos(grifo meu)" (p. 14).

Pode-se dizer que Nicolacópulos, embora fazendo observações pertinentes sobre uma simplificação possível da descrição do perfeito proposta por McCawley, comete um engano aqui. As objeções contra a teoria de "relevância atual" (Cfr. § 2.2.1) também se aplicam aos exemplos dados por ele: Em I've caught the flu o uso do perfeito não indica necessariamente que a pessoa está sofrendo os resultados da ação. Ela pode estar. Mas, neste caso, não é o uso do perfeito o responsável único pelo sentido, uma vez que podemos ter I caught the flu para indicar que a pessoa ainda sofre os efeitos da gripe, ao menos em inglês americano.

Nicolacópulos vê, portanto, dois usos para o "Present Perfect":

"Um que parece envolver - de acordo com McCawley - um quantificador universal (perfeito universal): I have studied since 1950; I have known Helen for ten years, que, em muitas línguas - incluindo o português - é geralmente traduzido como presente simples. Com esta forma são usados since, for, all. O outro uso que exprime a existência de uma ação, evento ou estado passado - isto é, algo que ocorre pelo menos uma vez no passado e tem "relevância atual" (perfeito existencial): I have read the book three times; I have caught the flu (...) que é traduzido, em muitas línguas, como passado. Com esta forma pode-se usar never, always etc." (p. 19).

O autor aceita, como se pode ver, a descrição do perfeito universal como equivalente ao perfeito continuativo. Os problemas decorrentes da visão que atribui ao perfeito o sentido continuativo já foram vistos no § 2.2.1.8. Os exemplos citados por Nicolacópulos para apoiar sua descrição da carga semântica do perfeito dependem do contexto (segundo nisto a McCawley). Eles não resistem às objeções levantadas contra uma descrição nestes termos. Da mesma forma, ao ligar sua descrição do segundo tipo de perfeito (existencial) à noção de "relevância atual", Nicolacópulos não viu as fraquezas desta posição:

"Em se tratando das construções do perfeito, eu concordo com Twadell que elas são marcadas por "relevância atual" simplesmente por estarem na forma do perfeito, isto é, mesmo se uma construção no perfeito indicar a existência de eventos passados (o caso existencial), ela carrega o sentido de "relevância atual". (p. 58).

Contudo, a meu ver, esta posição é de certa forma enfraquecida pelo reconhecimento de que

"O sentido de "relevância atual" pode vir ligado a um pretérito pela presença de algum elemento relacionado com a sentença: um advérbio, o contexto, a situação" (p.59).

Nicolacópulos reconhece, portanto, a importância do contexto, mas em sua descrição isto não passa de uma noção periférica.

2.5.2 O ESTUDO CONTRASTIVO PORTUGUÊS-INGLÊS

Nicolacópulos apresenta um estudo contrastivo entre sentenças do português e do inglês. Em português teríamos Eles moram em Florianópolis como estrutura profunda possível para duas sentenças que, na estrutura superficial, seriam Eles moram em Florianópolis e Eles moram em Florianópolis desde 1950. Em inglês, entretanto, há duas estruturas profundas, uma para They live in Florianopolis e outra para They have lived in Florianopolis since 1950. Nessa última estrutura profunda, o sintagma preposicional since 1950 poderia ser apagado, com a conseqüente mudança de sentido: They have lived in Florianopolis significa que eles moravam lá, mas tal estado de coisas já terminou.

Há, portanto, a possibilidade de um estudante brasileiro tomar a sentença do português Eles moram em Florianópolis desde 1950 e traduzí-la como * They live in Florianopolis since 1950 por derivá-la, segundo Nicolacópulos, de uma estrutura subjacente indevida:

"Eles (os alunos) transferem os traços de sua língua para a língua que estão aprendendo" (p. 25).

A explicação de erros cometidos por alunos, através do recurso à descrição em termos de estrutura profunda/superficial, é defendida por Nicolacópulos:

"Muitos problemas tais como ambigüidades e fenômenos de transferência podem ser explicados ao se considerar a estrutura profunda das sentenças" (p. 4).

Atualmente, com as discussões em andamento sobre o que é uma estrutura profunda, parece-me ser pouco proveitosa a utilização desta sugestão de Nicolacópulos para a análise de erros.

2.5.3 ANÁLISE DE ERROS

Os erros examinados por Nicolacópulos foram observados nos seguintes dados:

- (1) * They live in Florianopolis since 1950
- (2) * They live in Florianopolis since years
- (3) * We know each other for quite a few years
- (4) * Helen and her husband are living in Rio for five years.

Para explicar tais erros, Nicolacópulos constrói uma gramática (p. 48) que tem regras como:

POINT IN TIME \longrightarrow PREP + NP

A gramática tem também regras de subcategorização estrita, entre elas:

since $\left[\begin{array}{l} + \text{Prep, +} \\ \left\{ \begin{array}{l} \text{Perfective} \\ \text{Perfective + Pro-} \\ \text{gressive} \end{array} \right\} \\ \left[\begin{array}{l} + \text{point in} \\ \text{time} \end{array} \right] \end{array} \right]$

Estas regras são vistas por Nicolacópulos como uma contribuição para sanar problemas de interferência sintática causada pela não observância de regras por estudantes brasileiros, possivelmente por não as terem formulado (e interiorizado). Regras de subcategorização estrita para a produção de sentenças gramaticais em português também são dadas. Entre elas:

desde $\left[\begin{array}{l} + \text{Prep, +} \\ \left\{ \begin{array}{l} \text{Tense} \\ \text{Tense + Progressive} \\ \text{Perfective} \\ \text{Perfective + Pro-} \\ \text{gressive} \end{array} \right\} \\ \left[\begin{array}{l} + \text{point in} \\ \text{time} \end{array} \right] \end{array} \right]$

Após comparar as diferenças e semelhanças do perfeito em português e inglês, Nicolacópulos conclui que os estudantes sentem mais dificuldades pela interferência da língua materna

nos pontos em que os dois sistemas gramaticais diferem. Magro (1980: 125-8) critica uma visão de análise contrastiva como esta, que levasse em conta só um fator. Ela chama a atenção para outras fontes possíveis de erros: 1) eventuais fatores sociolingüísticos; 2) a idade (o adulto seria mais suscetível à interferência da língua materna); (3) a modalidade de exposição à língua e (4) o método de ensino empregado.

Para Nicolacópulos, nas sentenças (1), (2) e (3) do corpus aparece o presente devido à não observância de regras que dizem que since e for (este último, no sentido 'continuativo) requerem o perfeito. Na sentença (4) o presente contínuo foi usado indevidamente pelo mesmo motivo.

As sentenças seguintes também fazem parte do corpus de Nicolacópulos:

(5) * Mary has worked in Rio in 1970

(6) * We've known each other in California many years ago

Elas apresentam, segundo o autor, um problema de violação da regra que impede o uso de advérbios definidos com o perfeito (ver, contudo, no § 2.2.2 a crítica à noção de advérbio definido temporalmente).

2.6 SUMÁRIO

Alguns problemas encontrados nas várias tentativas de conceitualizar o perfeito foram levantados neste meu trabalho, sem que houvesse a pretensão de esgotar o assunto. Foi observada aqui a divisão didática proposta por McCoard (1978), que reúne estas várias tentativas de descrição do perfeito,

dividindo-as em quatro teorias mais abrangentes: a teoria da "relevância atual", do "passado indefinido", do "agora ampliado" e do "passado subordinado". De acordo com a idéia de que se deve deixar fora da gramática tudo o que for informação dada pelo contexto, mostrou-se como McCoard optou pela teoria do "agora ampliado" como sendo a mais adequada para definir o perfeito.

O estudo da semântica do perfeito não foi considerado satisfatório sem a abordagem da variação sintática entre o "Pretérito Coloquial" e o "Present Perfect". Os resultados da pesquisa sociolinguística de Marshall (1979) mostram que idade, classe social e educação são as variáveis mais importantes que condicionam um falante a optar pelo uso do pretérito onde o perfeito poderia ter sido usado.

A análise contrastiva feita por Nicolacópulos (1976) de sentenças no perfeito em português e inglês, procurando mostrar a existência maior de interferência sintática onde as duas línguas diferem, introduziu o problema das sugestões pedagógicas para o ensino do perfeito, que será o tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO III

DIFICULDADES DE ENSINO

3.1 INTRODUÇÃO

A proposta inicial deste meu trabalho é a de ser um estudo teórico e prático dos problemas que aparecem ao se tentar conceitualizar e ensinar o "Present Perfect" a estudantes brasileiros. No capítulo II foram examinadas diversas tentativas de conceitualizar o "Present Perfect". Agora passarei ao estudo de algumas sugestões pedagógicas, oferecidas por aqueles autores e por mais dois outros, para o ensino dessa forma verbal.

Uma das linhas-mestra deste trabalho tem sido a pergunta de quanta informação sobre o "Present Perfect" deverá conter a gramática. O termo "gramática" foi entendido em algumas partes desta dissertação (quando, por exemplo, trata de autores gerativistas) como "o conhecimento da língua internalizado pelo falante". Neste capítulo III a pergunta se refere a quantas e quais informações deverá conter a gramática sobre o "Present Perfect" e por este termo se entende agora "a parte de um curso de inglês preparado para estudantes brasileiros", ou seja, um conteúdo programático. Neste sentido será útil o exame dos fatores levantados por Haymond (1980) para justificar o emprego de informações gramaticais explícitas para estudantes adultos de uma língua estrangeira (convencionalmente, a partir dos 12-13 anos). Para ele há quatro razões para se dar informação gramatical aos estudantes: (1) os adultos geralmente não têm tempo para praticar inglês fora da sala de aula na medida desejada para que

eles deduzam e automatizem as regras, (2) o processo de aprendizagem do adulto requer o conhecimento do sentido e da razão de se estar aprendendo algo, (3) o meio mais eficiente de aprender é pela apreensão de princípios e não de partes isoladas de um sistema e (4), o adulto não aprende uma língua como uma criança faz, quase por "osmose". Ele já tem um sistema adquirido, sua língua materna. Cognitivamente falando, ele tem uma base desenvolvida que lhe permite trabalhar a partir de princípios gerais (p. 33).

Esta enumeração das razões apresentadas por Haymond foi tomada por mim apenas como um parâmetro para justificar a busca de uma metodologia adequada em termos de conteúdo e sequência para o ensino do "Present Perfect" a estudantes brasileiros. Há um ou outro ponto sugerido por ele que necessitaria ser melhor estudado, tal como a afirmação de que se aprende melhor por princípios e não por partes de um sistema e a afirmação de que os adultos carecem de tempo. Contudo, o estudo das estratégias usadas pelos estudantes na aprendizagem, embora seja vital para uma melhor compreensão do tema em questão, não será levado a cabo neste trabalho e fica como sugestão para pesquisas posteriores sobre o perfeito.

As sugestões pedagógicas para o ensino do perfeito apresentadas aqui são as dos autores examinados no capítulo II, com exceção de McCoard, que não teve uma preocupação pedagógica em seu trabalho. Dois autores não previamente vistos aparecerão aqui. A descrição oferecida por eles para o "Present Perfect" será apresentada apenas na medida

em que isto se fizer necessário para a compreensão de suas sugestões pedagógicas. O capítulo será organizado sob a forma da apresentação de sugestões por Marshall (1979), Wade (1978), Feigenbaum (1978), Nicolacópulos (1976) e Dubois (1972). Os dois primeiros autores trabalham com um corpus oral, Feigenbaum, com um corpus escrito e oral, e os dois últimos autores, com um corpus escrito.

3.2 SUGESTÕES PEDAGÓGICAS DE MARSHALL

Marshall (1979) aborda a questão de quanta informação sobre o "Pretérito Coloquial" (Cfr. § 2.3) deverá entrar no programa. Ela reconhece que uma possibilidade seria mencioná-lo nas gramáticas, em nota de pé-de-página. Para Marshall uma solução melhor é, contudo, incorporar o "Pretérito Coloquial" em lugar de destaque na lição. Alguns passos a serem dados para se fazer isto são sugeridos: (1) organizar o programa de acordo com conceitos linguísticos e não formas linguísticas, (2) apresentar situações e contextos nos quais as variantes linguísticas apareçam em contraste e (3) criar uma sequência de material de tal forma que as variantes ocorram em contexto de variação após terem sido apresentadas em contextos de contraste de sentido (p. 360).

3.2.1 A NÃO-CORRESPONDÊNCIA ENTRE FORMA VERBAL E RELAÇÃO TEMPORAL NOS LIVROS-TEXTO

A maioria dos programas trata o ensino das relações de tempo com base nas divisões de tempo verbal. Na pesquisa de Marshall os informantes tinham, diante de um contexto específico, mais de uma maneira de expressar as relações de tempo naquele contexto e isto incluía o uso de dois tempos ver-

bais à escolha, o pretérito e "Present Perfect". Em inglês, portanto, o mesmo sentido temporal pode ser expresso por mais de uma forma verbal. A relação de tempo também pode ser transmitida através de outros elementos, tais como advérbios e informação do contexto. O programa deverá então ser organizado de forma a mostrar gradativamente que o conceito linguístico de "passado" tem mais de uma realização na língua inglesa. O reconhecimento deste fato será útil para os estudantes entenderem que tempo verbal é somente uma das formas de expressar relação temporal e evitaria que o estudante procurasse estabelecer uma correspondência um a um entre tempo verbal e a expressão de uma relação temporal (p. 363). Wade (1978) se aproximou de resultados semelhantes (Cfr. § 2.4. , .

3.2.3 AS SITUAÇÕES E CONTEXTOS

Após ter sido feita a identificação do "Present Perfect" e do "Pretérito Coloquial" como variantes, sua incorporação no programa será alcançada ao se mostrar as diferenças entre as duas formas com base no emprego que delas fazem os falantes. São importantes as implicações sociais e estilísticas ao se escolher uma ou outra forma. Várias situações e contextos nos quais os fatores sociolinguísticos que afetam a seleção de uma determinada forma estejam presentes devem ser apresentados. Estes fatores sociais podem incluir: (1) os participantes - sua identidade e relacionamento; (2) o contexto - as circunstâncias onde se dá a situação. Os fatores estilísticos, em grande parte determinados pelos fatores sociais, são: (1) o canal - língua escrita ou falada; (2) o gênero - uma conversa, um discurso ou um poema;

(3) o registro - comunicação formal ou informal e (4) o tom-sério, amistoso ou frio (p. 365).

Marshall provê um exemplo de situação para permitir ao aluno obter uma visão de como é usado o "Pretérito Coloquial". São situações onde o falante A diz ao falante B para fazer algo e o falante B já executou o pedido:

"No primeiro exemplo os falantes têm um relacionamento de trabalho. Há uma alta probabilidade do Present Perfect ocorrer neste contexto.

Falante A ("patrão"): Well, Elizabeth, when are you going to type that report?

Falante B ("secretária"): I've already done it, John. Look on your desk.

No segundo exemplo os falantes têm um relacionamento familiar. Há uma alta probabilidade do Pretérito Coloquial ser usado neste contexto.

Falante A ("criança"): Mom, when are you going to sew the button on my coat?

Falante B ("mãe"): I did it already, Susan. Look in your closet" (p. 366).

Marshall diz que mais situações deste tipo deveriam ser criadas para exemplificar o contraste no uso das formas.

3.2.4 SEQUÊNCIA SUGERIDA

O tratamento dado a qualquer elemento num programa deve ser progressivo, isto é, deve-se evitar um acúmulo de material para o estudante absorver. O "Present Perfect" é usado de várias formas. Marshall divide o seu uso em dois grupos: perfeitos "estáveis" e perfeitos "variáveis". O primeiro grupo será constituído por aqueles perfeitos que não podem ser substituídos por uma outra forma (p. ex., um outro tempo verbal) sem mudança de sentido. Perfeitos "variáveis" são substituíveis por outras formas, sem perda de sentido.

Ao ensinar os usos do "Present Perfect" seria melhor, diz Marshall, introduzir primeiro os perfeitos estáveis. Não

é o que acontece em muitos livros-texto de inglês como língua estrangeira. Em muitos casos eles começam por um perfeito do tipo he has moved the chair. Verifica-se então que o pretérito poderia ter sido usado em todo o texto da lição. O único motivo a justificar o uso do perfeito é o de ele ser o "ponto gramatical" que se quer exercitar. Este problema foi levantado por Richards (1979)¹. Para ele, uma sentença como he has moved the chair seria um exemplo de uso variável do perfeito, o que a tornaria indicada para ser apresentada numa etapa posterior do esquema de ensino. Richards sugere dois usos do perfeito que seriam, diz ele, "estáveis": (1) estados que trazem a ação até o presente: I have known John for six years e (2) eventos que ocorrem em tempo não especificado dentro do período de tempo estendido até o presente: Have you ever been to Florida? e I have never eaten frog's legs.

Quanto ao primeiro tipo de sentenças, não há uma variação possível entre pretérito e perfeito (embora exista a variação com o presente simples, conforme provam as seguintes sentenças encontradas por Marshall em seu corpus: I know him for six years e I know him six years now.).

O segundo tipo, diz Marshall, traz alguns problemas. É que sentenças do tipo Did you ever go to Florida e I never ate frog's legs apareceram no seu corpus e, portanto, as sentenças equivalentes no perfeito fariam partes dos perfeitos variáveis.

Marshall acredita que o princípio de se apresentar primeiro os perfeitos estáveis é importante. Embora o estudo des-

te tipo de perfeitos não tenha feito parte de sua pesquisa, ela diz que uma forma de encontrar os perfeitos "estáveis" seria justamente a de eliminar os usos do perfeito onde eles pudessem vir expressos por outras formas verbais, tais como o pretérito e o presente (p. 369).

As sugestões pedagógicas de Marshall parecem vir de encontro a uma série de necessidades de estudantes brasileiros que devem aprender o perfeito em inglês. Com efeito, tenho muitas vezes observado em sala de aula a pergunta "por que a gente usa o "present Perfect" e não o pretérito nesta sentença?", expressa verbalmente ou sob a forma de uma interrogação muda nos olhares dos alunos. Como um elemento para a resposta dessa pergunta, a noção de "variante sintática" trazida por Marshall para utilização no ensino do perfeito, é uma ferramenta a ser usada com critério - nos termos colocados por ela. É indicada como que para um "polimento", após os alunos terem sido introduzidos aos usos "estáveis" do perfeito.

Minhas dúvidas quanto às sugestões de Marshall se referem à utilização de nuances estilísticas e sociolinguísticas nos exemplos destinados a mostrar a variação aos alunos. Conforme Lott (1975: 273), seria necessário estudar com mais cuidado as implicações da introdução de noções sociolinguísticas no ensino de inglês para estudantes estrangeiros. Segundo ele, devemos reconhecer que as nuances reveladas por tais estudos não deveriam ter prioridade sobre os itens básicos e essencialmente linguísticos de um curso. Só com uma visão mais clara das novas dificuldades que estariam sendo criadas com a introdução de noções deste tipo é que seu uso pode ser

considerado indicado sem reservas. Esta é uma nova arma nas mãos do professor e, como tal, é passível de apresentar efeitos colaterais. Esta observação, contudo, não diminui em nada a oportunidade da introdução por Marshall da noção de variante sintática na área do ensino do perfeito.

3.3 SUGESTÕES PEDAGÓGICAS DE WADE

Wade (1978) apresenta suas sugestões para o ensino do "Present Perfect" em termos de uma divisão em níveis de ensino, havendo, dentro de cada nível, uma sequência ótima para a apresentação deste tempo verbal.

A autora distingue três "níveis" no ensino de inglês para estudantes brasileiros: (1) a comunicação oral de natureza elementar, (2) o inglês ensinado a nível de escola secundária, e (3) o ensino a nível universitário para estudantes de letras (pp. 79-80). Pode-se objetar ao caráter arbitrário e, diante da realidade educacional do Brasil, irreal da divisão adotada, uma vez que estudantes universitários do curso de letras, após dois anos de universidade, costumam ter tido menos acesso ao estudo de inglês que seus colegas de nível secundário que se preparam para seguir uma carreira técnico-científica. Mas isto já foge ao escopo deste trabalho.

A autora sugere que, para uma comunicação oral de natureza elementar, o "Present Perfect" seja ensinado somente para exprimir eventos que começaram no passado e continuaram até o presente. Para eventos completados no passado imediato, os alunos usariam o pretérito. No "ensino secundário" eles aprenderiam todos os usos do pretérito e do "Present Perfect" em suas formas simples e progressiva (p. 80).

Quanto à precedência das formas, devido ao fato do pretérito ser usado mais frequentemente do que o perfeito, Wade afirma que o ensino do pretérito deve vir antes do ensino do "Present Perfect".

3.3.1 SEQUÊNCIA SUGERIDA

Para a autora deve ser ensinado em primeiro lugar o sentido continuativo exprimido pelo perfeito, ou seja, ações que começaram no passado e continuam até o presente. Segundo ela, o "Present Perfect" no sentido continuativo será ensinado em comparação com o presente simples para permitir aos estudantes ver que as formas verbais em inglês são usadas diferentemente no português.

Em segundo lugar será ensinado o uso indefinido do perfeito. Nesta altura um contraste deverá ser feito entre o perfeito e o pretérito, que é definido. Os problemas decorrentes desta visão já foram levantados no § 2.2.2.1. Parece ser pelo menos prudente não aceitar esta sugestão de Wade, embora, a nível prático, se possa enfatizar o não-uso de advérbios como yesterday, last night.., com o perfeito.

A autora, sem se justificar, diz que não é necessário ensinar ao estudante de escola secundária as diferenças entre inglês americano e britânico, uma vez que elas não atrapalham a compreensão mútua. Ela sugere que estas diferenças sejam deixadas para o nível universitário. Os problemas desta divisão em níveis de escolarização foram esboçados no § 3.3.

Finalmente, ainda falando do nível secundário, Wade diz que o problema de "relevância atual" não necessita ser introduzido neste estágio, sugerindo que ele assim o seja em algum

outro estágio. Os problemas que surgem com a descrição do "Present Perfect" em termos de "relevância atual" já foram vistos a partir do § 2.2.1 .

3.3.2 CRÍTICA A WADE

Uma avaliação mais global do trabalho de Wade aponta necessariamente para algumas insuficiências nas sugestões que ela dá para o ensino do perfeito. A utilização de categorias como "relevância atual" e "passado indefinido" nas sugestões pedagógicas (Cfr., contudo, o § 2.4) torna o trabalho dela vulnerável às críticas feitas por McCoard (1978) a tais categorias. A divisão do ensino de inglês nos três níveis propostos não é corroborada pela realidade de sala de aula. A meu ver, a contribuição oferecida por Wade está na intuição de que o sentido continuativo é o primeiro a ser ensinado (a razão aparecerá mais adiante), a visão da precedência da apresentação do pretérito frente à do "Present Perfect" e o ato de ligar o ensino do perfeito ao do presente simples.

3.4 SUGESTÕES PEDAGÓGICAS DE FEIGENBAUM

Feigenbaum (1978) apresenta os resultados de um estudo feito na Universidade de Wisconsin-Milwaukee em 1976-77. Seu objetivo é duplo: (1) determinar a frequência das formas verbais do perfeito no meio acadêmico, distinguindo aí entre : a) influência do assunto tratado e b) influência do meio (oral ou escrito); (2) determinar os tipos de sentido do perfeito encontrados no meio acadêmico. O corpus estudado é composto por cinco cursos dados nos dois primeiros anos de univer-

sidade. As matérias escolhidas foram: antropologia, astronomia, ciência da computação, geografia e história. De cada um destes cursos escolheu-se um livro-texto para a análise do meio escrito e um texto gravado em duas ou três aulas de meia hora de duração - usado para a análise da parte oral².

3.4.1 IMPORTÂNCIA DA FREQUÊNCIA

Feigenbaum diz que a informação sobre a frequência de uma forma pode ser útil na área do ensino de inglês, sendo um critério importante para nortear a tomada de decisões (p. 74). Esta importância dada às indicações de frequência é incorporada ao meu trabalho sob a forma do princípio de a uma maior frequência no corpus equivaler um maior uso na língua, que será utilizado no capítulo IV.

A pesquisa de Feigenbaum levanta três variáveis que afetam a frequência das formas do perfeito em um texto: (1) o tipo de texto (textos acadêmicos ou científicos, por exemplo, têm uma incidência menor do perfeito); (2) o assunto do texto (a ciência da computação usa menos o perfeito do que história ou geografia) e (3) o meio de comunicação (o meio escrito tem mais perfeitos do que o meio oral (esta afirmação de Feigenbaum deve ser entendida como referente à característica "niveladora" do meio oral. Conferir mais adiante). Também é mencionada como importante a forma sob a qual está organizada a informação. A cada uma dessas variáveis, de acordo com os resultados do autor, corresponde uma implicação pedagógica: (1) estudantes de ciências exatas necessitam de menos estudos sobre o perfeito do que os estudantes de diplomacia, por exemplo; (2) estudantes de ciência da computa

ção usam menos o perfeito do que seus colegas de história, por exemplo (e serão, em consequência, menos expostos a ele); e (3) para estudantes cujo objetivo é melhorar a habilidade de leitura, a ênfase sobre o perfeito deverá ser maior do que para os interessados somente no inglês falado (p. 54).

Quanto à influência do assunto, o autor constata que uma discussão sobre história tem muitas afirmações que ligam eventos acontecidos a outros posteriores a eles, o que aumentaria a necessidade de exprimir eventos no tempo passado. A forma de organização da informação influencia, contudo, a frequência dos perfeitos. Se um autor se situa mentalmente no presente, ele tenderá a usar o "Present Perfect" ao se referir a eventos passados (ver a observação semelhante a esta feita por Dubois(1972) no § 3.6.4) . O fato do meio de comunicação ser oral ou escrito pode neutralizar estas outras influências. O meio oral parece restringir os tipos de discussão, isto é, as formas sob as quais os assuntos são discutidos, para torná-las semelhantes, independentemente do assunto tratado (p. 63).

3.4.2 AS FORMAS DO PERFEITO

Feigenbaum (pp. 56-8) se propõe a examinar a frequência das seguintes formas do perfeito:

Afirmativas Finitas	Tempo	Aspecto
Não- Modais	Presente	Simples: I have written(1)
		Progressivo: I have been writing (2)
	Passado	Simples: I had written(3)
		Progressivo: I had been writing (4)

Modais	Presente	{	Simples: I { may can	have written (5)
			Progressive: I { may can	have been writing (6)
	Passado	{	Simples: I { could would	have written (7)
			Progressive: I { could would	have been writing (8)

Afirmativas Não-Finitas

Infinitivo	{	Simples: to have written (9)
		Progressivo: to have been writing (10)
-ing :		having written (11)

Após analisar as frequências das formas do perfeito em seus dados, Feigenbaum conclui que - ao se ensinar inglês como segunda língua - o perfeito deve ser apresentado nas formas verbais finitas e não-modais. O aspecto progressivo não aparece com frequência nos textos acadêmicos que ele examinou e, por este motivo, ele não advoga o seu ensino (p. 95). Dubois (1972), entretanto, inclui o aspecto progressivo nas formas do perfeito que ela julga merecedoras de ênfase (Cfr. § 3.6.1). Concorro com a posição de Dubois, uma vez que em situações outras do que a do inglês acadêmico o progressivo pode aparecer com uma frequência mais alta. Portanto, as formas verbais I have written (1) e I had written (3) são as que obtiveram uma frequência mais significativa no corpus estudado por Feigenbaum e são aquelas que ele julga merecedoras de maior atenção no ensino.

3.4.3 SEQUÊNCIA SUGERIDA

Feigenbaum vê a possibilidade de haver duas posições. A primeira delas é a de começar pelo sentido continuativo do perfeito. Este sentido é aquele que aparece mais nos livros-texto de inglês como língua estrangeira e, conseqüentemente, é o mais treinado. Alguns autores parecem mesmo não ter consciência da existência de outros sentidos do perfeito. Mas, segundo os resultados obtidos por Feigenbaum no exame do corpus acadêmico, o sentido mais encontrado é o dos eventos completados e o menos encontrado é o continuativo. O sentido continuativo aparece somente em 11% dos casos, enquanto que o perfeito de eventos completados aparece em 68% dos casos. Diante destes resultados, o perfeito de eventos completados devia ser apresentado por primeiro (p. 96). Os resultados relatados por Feigenbaum quanto à freqüência do sentido continuativo entram em conflito com os resultados de Dubois (1972) (ver adiante, § 3.6.3). Uma explicação possível é o fato do corpus analisado por Dubois ser mais amplo do que aquele analisado por Feigenbaum. Feigenbaum é, porém, de opinião que o sentido completado do perfeito pode não ser ensinado ou enfatizado, apesar de sua freqüência ser alta, já que para cada "Present Perfect" com o sentido de evento completado, há um uso equivalente do pretérito. Ele se aproxima assim de Marshall (1979) (Cfr. § 3.2.3), quando esta autora propõe que os perfeitos "estáveis" (aqueles para os quais não há um substituto que conserve o sentido) devem ser apresentados antes do que os perfeitos "variáveis" (aqueles que podem, por exemplo, ser substituídos pelo pretérito). Feigenbaum, portanto, defende o ensino do sentido continuativo do per-

feito como aquele que deve ser visto por primeiro, uma vez que não há um equivalente para ele, a não ser uma perífrase como a que aparece no exemplo: John lived in Chicago in 1970, and he still does (ib). É por estas razões que também creio que se deva começar pelo perfeito continuativo (Cfr. § 3.3.2).

Os resultados obtidos pelo autor indicam que as formas do perfeito devem ser ensinadas no contexto das formas do presente. O "Present Perfect", portanto, deve ser ensinado através do contraste com outras formas do presente. Feigenbaum diz que esta instrução difere do que é geralmente encontrado nos livros-texto de inglês para estudantes estrangeiros, onde o perfeito é exercitado e contrastado com o pretérito (ib.).

3.4.4 AS LIMITAÇÕES DO ENFOQUE DE FEIGENBAUM

No geral o trabalho de Feigenbaum parece ser bem fundamentado em dados. No contexto do ensino de inglês ele optou por estudar uma parte especializada: o inglês usado no meio acadêmico. A partir desta especialização, seus resultados não podem ser generalizados para os demais contextos em que se usa a linguagem, pelo menos os resultados que se baseiam em circunstâncias peculiares do meio acadêmico. As ressalvas que levantei quanto ao não-uso do progressivo com o perfeito e quanto a problemas com a frequência do sentido continuativo se comparada à obtida por Dubois, são motivadas por esta limitação de enfoque do trabalho de Feigenbaum.

3.5 SUGESTÕES PEDAGÓGICAS DE NICOLACÓPULOS

Nicolacópulos (1976) apresenta algumas breves sugestões pedagógicas sobre o ensino do "Present Perfect". Em primeiro lugar, ele reconhece a precedência do ensino do pretérito e do presente sobre o ensino do perfeito, uma vez que a frequência daqueles dois tempos é bem mais elevada que a frequência deste último (p. 63).

3.5.1 SEQUÊNCIA SUGERIDA

O autor, em oposição a outros vistos até aqui, acha que o primeiro sentido a ser ensinado é o que indica a simples existência de eventos passados (perfeito existencial, na terminologia seguida por ele) em sentenças do tipo I've read Principia Mathematica five times (Cfr. § 2.2.4.3). O segundo tipo de perfeito a ser apresentado é o do perfeito contínuo (universal), em sentenças do tipo I have lived in Florianopolis since 1950 (ib.). Nicolacópulos não justifica por que ele segue esta seqüência, que é diferente daquela seguida por outros autores (Cfr. § 3.2.4, § 3.3.1, § 3.4.3, e § 3.6.3). Esta sugestão será, por conseguinte, não observada, uma vez que, pelos resultados dos vários autores mencionados, a frequência do perfeito contínuo indica ser este sentido o merecedor de maior treinamento e ênfase inicial. A meu ver, o fator que torna importante apresentar em primeiro lugar este sentido do "Present Perfect" é o fato de ele ser um dos possíveis "perfeitos estáveis", citados por Marshall (1979: 368), embora, como ela nota, haja uma possibilidade de variação do perfeito com o presente simples.

Quanto aos advérbios, Nicolacópulos diz que o "Present Perfect" pode ser apresentado com ever, never, sometimes, just, already etc. (ib.). Tendo em vista os resultados relatados por Dubois (1972) (Cfr. § 3.6.3), esta sugestão deve ser tomada num sentido bastante atenuado.

O princípio de apresentar primeiro os usos "estáveis" do perfeito (Cfr. § 3.2.4) não é seguido por Nicolacópulos que reconhece, indiretamente, a existência desta categoria:

"o professor deve ter em mente que o Present Perfect existencial pode ser substituído pelo Past Tense" (ib).

Isto para ele não representa nenhum problema, uma vez que

"o professor não deve no princípio causar confusão na cabeça dos estudantes. Em um estágio mais avançado ele explicará as diferenças entre o Present Perfect e o ' Simple Past que dizem respeito a pressuposições" (ib).

Nicolacópulos, muito acertadamente, remete a apresentação da variação perfeito/pretérito para um estágio mais avançado no processo de aprendizagem. Faltou a ele algo como o reconhecimento do princípio de apresentar primeiro os perfeitos estáveis.

Nicolacópulos pensa que o "Present Perfect" existencial deve ser apresentado em contraste com o pretérito. Feigenbaum, ao contrário, recomenda o estudo do "Present Perfect" em contraste com o do presente simples, porque no corpus que ele examinou houve uma frequência elevada de perfeitos junto ao presente simples. A sugestão de Feigenbaum é assim mais convincente, mesmo porque Nicolacópulos não fundamenta a opção pela apresentação do perfeito junto a do pretérito. Esta não-fundamentação das sugestões pedagógicas é uma das falhas principais do trabalho de Nicolacópulos e se explica talvez

pelo caráter rápido que esta parte de sugestões pedagógicas teve no seu trabalho.

Para Nicolacópulos o perfeito contínuo deve ser contrastado com o presente simples devido ao fato de que, em português, ambos são traduzidos pelo presente.

3.5.2 CRÍTICAS A NICOLACÓPULOS

No geral, as sugestões pedagógicas de Nicolacópulos estão desligadas da descrição teórica do perfeito mostrada por ele (Cfr. § 2.5). A linha gerativo-transformacional seguida por ele na análise é, a meu ver, a responsável por esta defasagem. É muito duvidosa a defesa que ele faz da descrição do perfeito em termos de estrutura profunda/superficial (p.6), embora eu reconheça que esta noção possa ser útil em outras partes de uma gramática pedagógica.

Uma avaliação mais geral das sugestões pedagógicas de Nicolacópulos resultaria na eliminação de quase todas elas por insuficiência de argumentação e/ou falta de embasamento na descrição do perfeito que ele desenvolve. Poderiam ser aproveitadas, a meu ver, a sugestão para o ensino do perfeito após o do pretérito e a sugestão de se fazer isto concomitan-temente com o ensino do tempo presente simples.

3.6 SUGESTÕES PEDAGÓGICAS DE DUBOIS

Dubois (1972) faz uso de um corpus de inglês americano preparado por W. N. Francis e Henry Kucera da Universidade de Brown. Ele é formado por textos escritos, divididos em duas categorias: prosa informativa e prosa imaginativa. Os textos foram publicados nos Estados Unidos em 1961. Eles contêm um milhão de palavras, um número considerado por ela como excessivo para sua pesquisa. A autora decidiu trabalhar com trezentas mil palavras, analisando o uso do perfeito em parte da categoria J do corpus (Esta é uma das várias subdivisões do corpus. Dentro da prosa informativa, a categoria J é a de "learned English" - textos de medicina, engenharia etc). O computador foi programado para extrair, dentre outras formas, todas as ocasiões em que have aparecia e imprimir de dez a vinte palavras do contexto de cada lado deste verbo. Por sucessivas aproximações, foi possível controlar algumas variáveis, tais como a frequência de participios regulares e irregulares, a frequência do perfeito com modais etc. Ao final de seu trabalho, Dubois apresenta sugestões pedagógicas para o ensino do perfeito baseadas nos resultados obtidos por ela. Tais sugestões aparecem sob a forma de passos a serem dados no ensino do perfeito.

Dubois sugere dois passos a serem dados na construção de um modelo de ensino para o perfeito:

"o primeiro passo em sua construção é a identificação dos estudantes a quem se vai ensinar: suas necessidades, desejos, habilidades, experiência prévia, expectativas, etc. " (p. 104).

Consequência de tal identificação dos estudantes por parte do professor é a necessidade de haver níveis de ensino. Mas, diferentemente da divisão em níveis sugerida por Wade (1978) (Cfr. § 3.3.), que procura adaptar o ensino a uma divisão em graus de escolaridade, Dubois se preocupa com os alunos em si. Tal visão aparentemente atende mais do que a de Wade às peculiaridades da realidade educacional brasileira, onde nem sempre há correspondência entre grau de escolaridade e maturidade intelectual. A preocupação de Dubois parece ser aquela que deu lugar nos dias de hoje à existência de um ensino individualizado, centrado no aluno (este ensino existe a nível teórico. Seria necessário fazer uma pesquisa, por exemplo, nos cursos de inglês onde o ensino é pago, para observar como estas coisas se dão na prática).

O segundo passo sugerido por Dubois é o da identificação do tipo de informação gramatical que o estudante necessita. Isto se fará de forma mais pormenorizada nos próximos parágrafos.

A autora tem algumas observações sobre a ordem de precedência que deve haver no ensino das formas verbais. De acordo com os resultados obtidos pelo exame do corpus, o perfeito é mais raro do que o presente ou o pretérito e, para Dubois, ele deveria ser ensinado após estes dois e após os vários futuros perifrásticos (p. 108).

3.6.1 AS FORMAS DO PERFEITO

De forma semelhante a Feigenbaum (1978), Dubois trabalha com um quadro das formas do perfeito. Para ela, o ensino dos perfeitos deve começar pelas formas finitas (números de (1) a (8) no quadro do § 3.4.2). Na realidade, ela logo faz uma restrição para as formas finitas de (4) a (8), eliminando os modais, já que, em vista de sua raridade, o perfeito com os modais pode ser adiado para todos os estudantes ou mesmo inteiramente omitido para alguns (p. 109). Quando eles tiverem de ser ensinados, a ordem sugerida por Dubois, em vista da frequência no seu corpus, é a seguinte: (1) could; (2) would; (3) may e (4) must. Ela diz que se pode ensinar os primeiros quatro modais aqui enumerados e esperar que os estudantes reconheçam os outros, no caso improvável de encontrá-los (p. 112). Quanto às formas não-finitas (números de (9) a (11) no quadro), ela comenta que o ensino do perfeito com o gerúndio, o particípio e o infinitivo destina-se aos que são linguisticamente bem dotados, porque a extrema infrequência destas construções faz com que pareçam ser alternativas estilísticas mais do que formas básicas (ib). Dubois, portanto, diz o mesmo que Feigenbaum sobre as formas verbais que é preciso ensinar, exceto quanto ao progressivo, que Feigenbaum exclui (Cfr. § 3.4.3). Para ela deve-se exercitar o progressivo junto com o "Present Perfect" e com o "Past Perfect", mas não com as outras formas do perfeito. O corpus usado por Dubois é mais abrangente que aquele usado por Feigenbaum, devendo-se talvez a isso esta diferença entre os dois autores quanto ao ensino do progressivo com o perfeito.

Quanto à voz passiva, que ocorre mais do que em 10% dos casos do perfeito registrados no corpus de Dubois e que não foi considerada por Feigenbaum em seu estudo, Dubois sugere que as duas formas (ativa e passiva) devem ser exercitadas juntamente (p. 113). É de se estranhar que Dubois justifique o ensino do perfeito com a passiva a partir de uma frequência de apenas 10% no corpus. Segundo Eunice Pontes, em comunicação pessoal, esta importância dada à passiva apesar de sua baixa frequência, talvez seja devida à ênfase tradicionalmente dada à morfologia nas gramáticas e livros-texto. Com efeito, pelo fato dos fenômenos descritos pela morfologia serem formas marcadas dentro do sistema da língua, os gramáticos tendem a atribuir a eles uma importância desproporcionadamente grande em face de sua ocorrência real, o que não acontece com os fenômenos semânticos ou pragmáticos. A partir dessa reflexão, o ensino da passiva não aparecerá no modelo de ensino proposto no capítulo IV.

Os perfeitos após as expressões temporais subordinadas after, when, until, before foram encontrados no corpus de Dubois na proporção 19:11:10:6, em sentenças do tipo after I had seen him, he left. Para Dubois não é necessário ensinar o uso do perfeito após estas expressões temporais subordinadas. Ela justifica tal afirmativa pelo fato de que esta construção pode ser encontrada indiferentemente com o pretérito, o "past Perfect", o presente simples ou o "Present Perfect" (ib). A meu ver, contudo, o fato de se ignorar a existência do ambiente do perfeito usado com expressões temporais subordinadas não leva o aluno a se sentir confiante quando tiver de usá-las. Melhor seria fazer ver a eles as possibilidades de variação possível nestes casos.

3.6.2 A DISTRIBUIÇÃO DE PARTICÍPIOS

Um dos dados controlados por Dubois no exame do corpus se refere à distribuição dos participípios. Segundo ela, os participípios regulares e irregulares ocorrem com freqüência quase igual, mas alguns dos verbos irregulares ocorrem muito mais freqüentemente do que outros.

Os participípios que tiveram dez ou mais ocorrências no corpus foram (p. 78) os seguintes:

Participípios	Número de ocorrências
been	345
made	69
had	57
seen	51
done	46
come	44
gone	41
taken	33
said	32
given	31
found	29
known	24
left	24
shown	22
told	22
heard	21
become	20
brought	16
thought	16
got	15
fallen	14
put	14
lost	13
felt	12
led	12
written	12
met	11
run	11
grown	10

Um segundo grupo, com menos de dez ocorrências nos corpus estudado por ela, apareceu (ib.) assim constituído:

begun	forgotten	sought	stood
built	forgiven	sold	struck
burst	held	sent	swept
bought	hurt	set	taught
caught	kept	shot	torn
chosen	laid	sit	thrown
driven	let	slept	undergone
eaten	meant	spoken	upset
fought	mistaken	spent	understood
flown	ridden	spread	won

Os participios com número de ocorrência igual a um (1) foram desprezados como não relevantes.

3.6.3 SEQUÊNCIA SUGERIDA

As conclusões sobre o verbo be (345 ocorrências no corpus), make (69 ocorrências) e have- possessivo (57 ocorrências) são as seguintes:

"Dada a frequência única de be, pode-se começar por este verbo que caracteriza o inglês como nenhum outro. Be com o perfeito ocorre tipicamente em um sentido 'continuativo, às vezes iterativo, como repetição de estados, muito raramente como ação única ("I have been to school once today"), no qual be se assemelha a um verbo de movimento intransitivo. Começa-se então com be no continuativo. Em seguida, devido a sua alta frequência, (são apresentados) make no sentido de ação única e iterativo e have- possessivo" (p. 110).

Uma vez que os participios regulares e irregulares aparecem com frequência quase igual (houve no corpus 1354 ocorrências do perfeito com participios irregulares e 1382 ocorrências com participios regulares (p. 78)), Dubois pensa que após be, make e have- possessivo deve-se introduzir o padrão dos verbos regulares.

Não me parece ser justificada a sugestão de se apresentar primeiro o "Present Perfect" com be pelo fato de been ter tido uma alta frequência no corpus de Dubois, em sentenças do

tipo For it had been John and Linda ever since she had come out at the Gold Club... , pois a frequência absoluta de been entre todos os participípios encontrados pode não ser tão significativa. Esta sugestão não será adotada no modelo pedagógico proposto no capítulo IV. Quanto à ocorrência de make e have- possessivo , a frequência deles não se diferencia muito da frequência atingida por outros verbos irregulares que aparecem na listagem de Dubois, como see, do e come . Não se justifica, portanto, o fato de deixar para depois de make e have- possessivo a apresentação dos verbos regulares, como quer Dubois. Os estudos de como se processa a aquisição da linguagem mostram que a tendência natural é a de deduzir-se regras regulares a partir dos dados da língua (Moskowitz 1978:83-4) De modo semelhante, para um estudante de língua estrangeira, a dedução de regras subjacentes a partir de dados regulares se faz muito mais facilmente do que a partir de uma massa de dados irregulares. A listagem dos verbos irregulares apresentada por Dubois pode servir, contudo, como uma orientação para uma etapa posterior do ensino do "Present Perfect", após os alunos terem sido introduzidos a este tempo verbal com exemplos em que aparecem verbos regulares.

De acordo com os resultados comentados por Dubois, o "Present Perfect" vem acompanhado de indicadores de tempo e de frequência em apenas 30,7% dos casos. A consequência pedagógica é que, para refletir estes fatos do uso, a colocação dos advérbios deve ser apresentada relativamente tarde no esquema de ensino ou - se for apresentada cedo - deve-se tomar cuidado para que não haja um uso excessivo de advérbios (ib.).

3.6.4 A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Dubois levanta um argumento interessante para justificar o uso do "Present Perfect" levando também em consideração a organização da informação. No mesmo sentido Feigenbaum (1978) postulou uma influência do assunto sobre o uso do perfeito (Cfr. § 3.4). Dubois pergunta-se o que leva o falante a escolher entre The President has announced a visit to Russia e The President announced a visit to Russia. Uma explicação, diz a autora, é o contexto temporal: se um falante está usando o "Simple Present", ele provavelmente entenderá uma única ação passada como parte do período de tempo que inclui o momento da fala:

"É inconveniente, abrupto e difícil para ele mudar sua "alavanca de câmbio cognitiva" para trás, para o Past Tense, particularmente em se tratando de uma ação única (aquela que não é continuativa ou iterativa. Nota do autor desta dissertação)" (p.88).

No corpus houve sessenta e quatro ocorrências que ilustram este uso do "Present Perfect" em contexto presente. Um exemplo é.

"What's up now? Well, Jerebohn and his wife Pinkie have reached the stage of affluence that stirs a longing for the more atrociously expensive rustic simplicities. They want to own a junior-grade... (p. 89).

Em exemplos como este, os verbos no presente que aparecem no contexto (what is up, They want to own) condicionariam o falante a usar o perfeito (have reached) e não o pretérito.

3.6.5 PROBLEMAS COM A GENERALIZAÇÃO DAS CONCLUSÕES DE DUBOIS

As sugestões pedagógicas apresentadas por Dubois são as que mais contribuem em detalhes para a formulação de um modelo de ensino do "Present Perfect". Elas também são as mais

fundamentadas em dados empíricos, em vista do empenho da autora em realizar um estudo essencialmente controlado. Se alguma falta puder ser mostrada nestas sugestões, ela virá certamente de um excesso de conclusões a partir dos dados disponíveis. Afirmções tais como a de que o verbo be caracteriza o inglês como nenhum outro verbo (p. 110) ou a de que não se deve ensinar o perfeito após expressões temporais subordinadas (p. 113) deveriam ser melhor justificadas. Elas não modificam, contudo, o tom confiante com que se pode abordar as sugestões oferecidas por Dubois.

3.6.6 SUMÁRIO

Foram examinadas aqui as sugestões pedagógicas para o ensino do perfeito oferecidas por Marshall (1979), Wade (1978), Feigenbaum (1978), Nicolacópulos (1976) e Dubois (1972). Para cada um destes autores levantaram-se argumentos que, segundo eles, justificam que formas e que sentidos do perfeito devem ser ensinados e em qual seqüência. Foram também apontadas as limitações das sugestões pedagógicas assim oferecidas, levando-se em conta os usos do perfeito que não são devidamente cobertos por elas e as generalizações indevidas a partir dos casos observados pelos autores.

CAPÍTULO IV

CONCLUSÕES

4.1 CONCLUSÕES SOBRE AS DIFICULDADES DE CONCEITUALIZAÇÃO

Após o exame de vários autores que tratam da descrição do "Present Perfect" e da opção pela teoria do "agora ampliado" feita por McCoard (1978) e retomada por mim como a mais adequada para descrevê-lo, pode-se chegar a algumas conclusões sobre a proposta inicial deste meu trabalho. Houve evidências que reforçaram minha intuição de que, ao descrever a carga semântica do "Present Perfect", deve-se tomar cuidado em não atribuir à forma verbal informação que é dada pelo contexto.

O ponto de partida de se considerar a análise ao nível da sentença como insuficiente para o estudo da forma verbal também foi confirmado nos vários exemplos apontados. Em muitos deles, a informação situada no contexto é relevante para a escolha e a interpretação do "Present Perfect". A reflexão sobre os problemas de conceitualização do "Present Perfect" nos leva, assim, a um paradoxo aparente: o contexto deve ser levado em conta, mas por isso mesmo ele não pode entrar na descrição daquilo que é próprio da forma verbal. Penso que esta situação de "tensão" entre usar e não usar o contexto pode ser uma forma de abordar o ensino do "Present Perfect" junto aos alunos adultos, principalmente para aqueles que ficaram confusos depois de terem visto descrições como as de "relevância atual" nas gramáticas e livros-texto em que estudaram.

4.2 CONCLUSÕES SOBRE AS DIFICULDADES DE ENSINO

Uma espécie de denominador comum será obtido a partir das sugestões pedagógicas dos autores vistos no Capítulo III. Uma primeira dificuldade que se apresenta é o fato de eles terem trabalhado com corpus de caráter diferente, uns com um corpus oral, outros com um corpus escrito ou misto. O fato de autores como Marshall (1979) e Feigenbaum (1978) oferecerem sugestões para a elaboração de um programa de inglês também pode ser considerado uma dificuldade, uma vez que a maioria das situações de ensino do inglês no Brasil envolve três participantes já com características previamente moldadas: o aluno, o professor e, imposto aos dois, o livro-texto. Para tentar contornar estas duas dificuldades, tratarei conjuntamente todas as sugestões pedagógicas, apenas chamando a atenção para as peculiaridade do meio oral e escrito quando isto se fizer necessário. De forma semelhante, as sugestões para a preparação de um material didático serão tratadas juntamente com as sugestões para a apresentação de um material pré-existente. Considero que, mesmo neste último caso, o professor pode rever a ordem da apresentação dada no livro-texto e exercitar mais certas formas e sentidos considerados importantes para o aluno ou grupo de alunos em questão.

Estas conclusões serão apresentadas sob a forma de uma proposta de modelo de ensino do "Present Perfect". As sugestões pedagógicas sistematizadas aqui já foram todas apresentadas no Capítulo anterior. No modelo proposto não será indicado o parágrafo em que elas aparecem no capítulo III, indicando-se apenas o autor e ano de publicação.

4.2.1 UM MODELO DE ENSINO DO "PRESENT PERFECT"

Primeiramente deve ser ressaltado que as sugestões a serem apresentadas aqui se referem a um contexto ideal do ensino de inglês como língua estrangeira. Elas podem funcionar bem em um programa de inglês como língua instrumental, por exemplo, onde se tem em vista uma situação bem específica como a de inglês para médicos, engenheiros etc. Isto estatisticamente ainda constitui parte pequena das situações do ensino de inglês no Brasil, embora não seja assim em outros países. Aqui, diante da falta de eficácia no ensino de primeiro e segundo graus e da constante mudança de programas e de professores, os alunos acabam sendo expostos durante sua vida escolar a mais de um "encontro" com o "Present Perfect". Tal fato poderia até vir a se constituir numa vantagem para o processo de aprendizagem; mas as insuficiências acumuladas em todas as vezes que o aluno estuda o "Present Perfect" muitas vezes acabam por tornar este tempo verbal misterioso e incompreensível. Desta maneira, as sugestões oferecidas quanto a formas a serem exercitadas e à sequência no ensino devem ser tomadas como um ponto de referência, devendo ser avaliadas para cada grupo de alunos em particular.

4.2.1.1 O Modelo¹

(A) O professor fará uma identificação dos estudantes em termos de necessidades, habilidades, experiência prévia, expectativas etc. (Dubois 1972). Com isto se poderá ter uma previsão de quanto tempo e esforço poderão ser alocados ao estudo do "Present Perfect". Geralmente este tipo de identi-

ficação é feito unilateralmente pelo livro-texto que destina um tempo determinado ao "Present Perfect". É óbvio que ' cabe ao professor através de "revisões" corrigir eventuais lacunas no aprendizado desta forma verbal.

(B) Através de entrevistas e de uma avaliação pessoal, o professor terá uma previsão do meio oral e/ou escrito em que o estudante mais provavelmente usará o "Present Perfect", do registro formal e/ou informal, do tom sério e/ou amistoso e/ou frio (Marshall 1979; Feigenbaum 1978 e Dubois 1972). Tal especificação é, em certas circunstâncias, de importância para a definição de opções importantes, tais como ensinar ou não o "Pretérito Coloquial", enfatizar ou não o "Present Perfect" e ensinar ou não o "Present Perfect" com os modais. De acordo com os autores examinados, pode-se dizer que, para estudantes cujo objetivo maior é o desenvolvimento da habilidade de leitura, o "Present Perfect" deverá ser mais enfatizado do que para aqueles interessados sobretudo em conversação (Feigenbaum 1978 e Wade 1978). Igualmente aqueles que terão de falar o inglês tal como ele é usado nos Estados Unidos deverão ter um contacto maior com o "Pretérito Coloquial", familiarizando-se com as diferenças de tom e registro que influenciam o seu uso e o emprego especial de advérbios com este tempo (Marshall 1979).

(C) Estabelecer quais formas do "Present Perfect" serão exercitadas, a saber, o "Present Perfect" simples (Feigenbaum 1978; Wade 1978 e Dubois 1972) e o "Present Perfect" progressivo para todos os estudantes (Wade 1978 e Dubois 1972). Mas o "Present Perfect" com modais (na or-

dem : could, would, may e must) somente para alguns e o "Present Perfect" com os não-finitos para especialistas, isto é, professores de inglês ou futuros professores (Dubois 1972).

(D) Determinar quais participípios deverão ser mais exercitados, em vista do princípio de maior frequência/maior uso (Feigenbaum 1978). Começa-se pelos verbos regulares. A seguir, após a estrutura do perfeito ter ficado bem treinada, utilizam-se os verbos irregulares mais frequentes em um corpus diversificado. Quando se tiver em vista ensinar um tipo de inglês encontrado em livros técnicos, a listagem de participípios obtidos no corpus da Universidade de Brown usado por Dubois (1972) poderá servir como referência para o ensino do "Present Perfect". Até um certo estágio, o aluno deverá ter conhecimento do primeiro grupo de verbos, aqueles com uma frequência igual ou superior a dez (no corpus de Dubois). Num estágio posterior, o segundo grupo será exercitado.

(E) Estabelecer a seqüência em que aparecerão os vários usos do perfeito em seus diversos contextos. Em vista do princípio de apresentar primeiramente os perfeitos "estáveis" (Marshall 1979), o "Present Perfect" no sentido continuativo será exercitado primeiro (Marshall 1979; Feigenbaum 1978 ; Wade 1978). O "Present Perfect" neste contexto deve ser ensinado em comparação com o presente simples (Feigenbaum 1978; Wade 1978 e Nicolacópulos 1976) para permitir que se ressalte a diferença entre o português e o inglês (Wade 1978 e Nicolacópulos 1976).

Os demais sentidos serão apresentados a seguir, observando-se apenas, quanto ao uso de advérbios, que eles devem ser apresentados relativamente tarde no esquema de ensino ou caso sejam apresentados logo - deve-se ter cuidado em não usar um número excessivo de advérbios (Dubois 1972). Enfatize-se também a não ocorrência de advérbios do tipo yesterday, last year etc. com o "Present Perfect" (Wade 1978), a não ser em casos especiais em que estes advérbios aparecem onde o período compreendido se estende até o momento da codificação (Cfr. § 2.2.2.1). De qualquer forma, me parece ser mais vantajoso, do ponto de vista de um certo refinamento teórico, apresentar os advérbios que aparecem com o perfeito utilizando, para este fim, traços semânticos (Cfr. § 2.2.3.1). É possível, desta forma, evitar-se o uso do termo "indefinido" e do termo "definido" como etiqueta para advérbios, uso este que, como vimos, traz alguns problemas.

Quanto ao contexto temporal, fazer ver ao aluno que a organização da informação tem um papel de destaque na utilização do "Present Perfect", especialmente se estivermos tratando de um contexto presente (Feigenbaum 1978 e Dubois 1972).

Após a apresentação dos perfeitos estáveis, será então introduzido, para aqueles a quem isto for recomendável, o "Pretérito Coloquial" (Marshall 1979).

Nestas sugestões não se fez nenhuma referência à noção de "relevância atual", encontrada em muitos livros-texto de inglês usados por alunos brasileiros. Esta omissão foi proposital, uma vez que não acredito em qualquer vantagem na utilização desta noção para a compreensão do uso do perfeito por

parte dos alunos. Quando necessário, pode-se fazer ver a eles que, embora o uso do perfeito possa servir para justificar uma certa inferência de resultado, a referência não é parte do sentido próprio do perfeito (Cfr. § 2.2.1).

Quanto ao perfeito não definido temporalmente, pode-se refletir com os alunos que o fato do tempo ser definido ou não é secundário, e eles poderão ocasionalmente encontrar exemplos que vão contra os gramáticos que associam o "Present Perfect" só a um tempo indeterminado (Cfr. § 2.2.2.1).

No modelo proposto não se falou do sentido de "agora ampliado". Pode-se apresentá-lo aos alunos como o sentido que distingue o perfeito do pretérito: em the messenger arrived, por exemplo, a ação ocorreu no passado e está, para o falante, definitivamente separada do presente. Em the messenger has arrived há a inclusão da ação dentro de certos limites de tempo. O falante, no momento da codificação, olhou para o passado e situou a situação em relação ao presente (Cfr. § 2.2.3.).

O contraste entre o "Present Perfect" e o pretérito composto ou perfeito perifrástico em português pode ser útil para os alunos: em português são possíveis os sentidos iterativo e continuativo e há uma restrição quanto ao perfeito ligado a um único evento: tenho visto bons filmes / * tenho visto um filme (Cfr. § 2.5.2). Nos outros casos o "Present Perfect" é, muitas vezes, traduzido pelo pretérito simples: vi um filme. Num momento posterior do esquema de ensino este fato poderá ser apontado para os alunos.

4.2.1.2 Perspectivas Futuras

O modelo para o ensino do "Present Perfect" aqui sugerido não pretende ser completo nem definitivo. As sugestões oferecidas deverão ser testadas no contexto do ensino de inglês para estudantes brasileiros. Espera-se então que dificuldades devidas à interferência do português e a outros tipos de interferência sejam melhor conhecidas e que outras falhas deste modelo venham à luz.

Do ponto de vista teórico, o tipo aqui ensaiado de uma crítica às análises lingüísticas que não levam em conta o contexto nos livra de alguns problemas e nos joga em outros. Sem dizer que se trata de uma daquelas situações em que se sai do caldeirão para cair na fogueira, o autor desta dissertação reconhece os desafios envolvidos na tentativa de se fazer uma análise pragmática. Em concordância com isto, pode-se dizer que nesta primeira fase foi possível enfatizar mais o que não se deve fazer ao ensinar o perfeito. O desafio ainda permanece de explicitar uma abordagem do perfeito em inglês, abordagem esta que seja eficaz em todos os níveis.

NOTAS DO CAPÍTULO I

- (1) Neste trabalho não tratarei de todas as formas do perfeito pelo fato de elas não terem sido sistematicamente encontradas nos autores aqui examinados. O termo "perfeito" referir-se-á aqui só ao "Present Perfect", embora muito do que será dito possa se referir também a outras formas do perfeito.
- (2) Optei por escrever as citações em português. Fica doravante entendido que todas as citações que aparecerem neste trabalho foram por mim traduzidas do inglês.

NOTAS DO CAPÍTULO II

- (1) Seguindo a terminologia adotada por McCoard (1978: 5), chamarei o "Simple Past" de pretérito no decorrer de todo este trabalho.
- (2) McCoard se refere ao trabalho seguinte: Zandvoort, R. "On the Perfect of Experience". *English Studies* (1932), p. 14.
- (3) A obra citada por McCoard é a de Ross, J.R., "Auxiliaries as Main Verbs" in William Todd (org.) Studies in Philosophical Linguistics, Series One (1969), p. 7.
- (4) McCoard se refere à descrição do perfeito encontrada em McCawley, J., "Tense and Time in English" in Ch. Fillmore e D. Langendoen (org.) Studies in Linguistic Semantics, (1971), pp. 96-113.

- (5) Marshall diz ter sido cunhado por Vannek (em "The ' Colloquial Preterite in Modern American English" Word 14 (1958), pp. 237-242) o termo "Pretérito Coloquial" para caracterizar os casos em que o pretérito estiver sendo usado em contextos onde se esperaria ver usado o perfeito.
- (6) Wade na verdade não usa o termo "variante sintática" , mas é disto, sem dúvida, que ela está tratando.
- (7) Nicolacópulos não justifica sua teoria de que o perfeito em inglês é um aspecto. Ele diz apenas que "há duas espécies de aspecto sintático em inglês: o perfeito e o progressivo" (p. 11). Para os fins deste meu trabalho, o perfeito tem sido considerado como um tempo verbal (Cfr. § 2.2).

NOTAS DO CAPÍTULO III

- (1) Marshall (p. 363) se refere ao seguinte trabalho: Richards, Jack C. "Introducing the Perfect: An Exercise in Pedagogic Grammar", apresentado na "National Tesol Convention". Boston, março de 1979.
- (2) Segundo Feigenbaum (p. 45) o número estimado de palavras do corpus utilizado por ele é o seguinte: 222 900 (livros-texto) e 13 300 (lições orais).
- (3) O perfeito de "eventos completados" é o que aparece em sentenças do tipo I have (already) written a letter.

NOTA DO CAPÍTULO IV

- (1) O uso do termo "modelo" pode parecer pretencioso demais para as sugestões pedagógicas apresentadas neste capítulo. Ele deve ser entendido no sentido de "aquilo a ser lembrado ao se ensinar o "Present Perfect" "

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Dubois, Betty Lou (1972). THE MEANINGS AND THE DISTRIBUTION OF THE PERFECT IN PRESENT-DAY AMERICAN ENGLISH WRITING. Tese de Doutorado. University of New Mexico.
2. Feigenbaum, Irwin (1978). THE USE OF THE PERFECT IN AN ACADEMIC SETTING: A STUDY OF TYPES AND FREQUENCIES. Tese de Doutorado. The University of Wisconsin-Milwaukee.
3. Haymond, R. "An effective Method for Teaching English Verb Forms" in FORUM, vol. XVIII, nº 4 - Outubro de 1980.
4. Lott, Bernard G. "Sociolinguistics and the Teaching of English" in English Teaching Journal , 29 (1975).
5. Magro, Maria C. "Análise Contrastiva e Análise de Erros : Um Estudo Comparativo". In Ensaios de Linguística. Ano II. Nº 3, Dezembro de 1980. Belo Horizonte.
6. Marshall, H.W. (1979). THE COLLOQUIAL PRETERIT VERSUS THE PRESENT PERFECT: A SOCIOLINGUISTIC ANALYSIS. Tese de Doutorado. Columbia University.
7. McCoard, Robert W. (1978). THE ENGLISH PERFECT: TENSE CHOICE AND PRAGMATIC INFERENCES. North Holland Linguistics Series, nº 38. New York: North Holland Publishing Co.
8. Moskowitz, A. "The Acquisiton of Language" in Scientific America , Novembro de 1978.
9. Nicolacópulos, Apóstolo T. (1976). THE PERFECT ASPECT - SYNTACTIC INTERFERENCES ON THE PART OF BRAZILIAN STUDENTS LEARNING ENGLISH. Dissertação de Mestrado inédita. Universidade Federal de Santa Catarina.

10. Wade, Irene M. (1978). A STUDY IN THE USAGE OF THE PAST AND PRESENT PERFECT TENSES IN BRITISH AND AMERICAN ENGLISH. Dissertação de Mestrado inédita. PUC de São Paulo.
11. Wekker, H. Review in LINGUA - vol. 51,1980.